



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e
Sustentabilidade na Amazônia PPG/CASA**

SABRINA DE OLIVEIRA MARQUES

**CONEXÃO COM A NATUREZA E BEM-ESTAR SUBJETIVO INDICADO
POR FELICIDADE EM IDOSOS**

MANAUS – AM

2023

SABRINA DE OLIVEIRA MARQUES

**CONEXÃO COM A NATUREZA E BEM-ESTAR SUBJETIVO INDICADO
POR FELICIDADE EM IDOSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia como exigência para obtenção de Título de Mestre em Ciências do Ambiente sob orientação da Profa. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi.

**MANAUS – AM
2023**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M357c Marques, Sabrina de Oliveira
Conexão com a Natureza e Bem-estar Subjetivo indicado por
Felicidade em idosos / Sabrina de Oliveira Marques . 2023
55 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Maria Inês Gasparetto Higuchi
Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e
Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Idoso. 2. Bem-estar Subjetivo. 3. Conexão com a Natureza. 4.
Felicidade. 5. Amazônia. I. Higuchi, Maria Inês Gasparetto. II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

SABRINA DE OLIVEIRA MARQUES

**CONEXÃO COM A NATUREZA E BEM-ESTAR SUBJETIVO INDICADO
POR FELICIDADE EM IDOSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia como exigência para obtenção de Título de Mestre em Ciências do Ambiente sob orientação da Profa. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi.

Aprovada em 12/ julho/ 2023.

BANCA EXAMINADORA

Maria Inês Gasparetto Higuchi, Profa. Dra.
Presidente da Banca

Denise Machado Duran Gutierrez, Profa. Dra. – UFAM/INPA
Membro titular

Adria de Lima Sousa, Profa. Dra. UFAM
Membro titular

Damaris Teixeira Paz, Profa. Dra. – SEDUC/AM
Membro titular

“Dedico este trabalho a memória de minha vó, Maria dos Anjos Macedo de Lima”

AGRADECIMENTOS

Uma pessoa grata reconhece os benefícios que recebeu pela demonstração de um favor imerecido, eu não poderia deixar de agradecer primeiramente com toda força de minha alma ao meu Deus pela oportunidade de vivenciar as experiências deste sonho.

Agradeço com todo o meu coração, por sempre estar ao meu lado, meu esposo e amigo Ricardo Leal Marques esteve sempre me motivando a não desistir e com muito apoio sempre me dando assistência nos momentos de solidão e exaustão.

Obrigada de todo coração aos meus filhos que suportaram as distancias e ausências dos momentos que precisavam de mim e sempre me sediam um copo d'água e chá para aguentar os momentos de pressão, pois sem a compreensão de vocês não teria chegado até aqui.

Á minha querida irmã Sanara Macedo que me incentivou a participar do primeiro grupo de estudo para fazer a inscrição para o mestrado você foi essencial para realização deste sonho.

Gratidão aos amigos em especial aos que fiz nesta nova fase da minha vida como: Jeniffer, Thayssa, Maíra, Rebeca, e claro, meu grande amigo pois é mais chegado que um irmão Sávio, vocês sempre foram presentes para ajudar com todas as dúvidas.

Às Dr^a Elisa, Prof.^a Dr^a Genoveva, Prof.^a Dr^a Deise e Prof.^a Dr^a Lídia que trouxeram excelentes contribuições na aula de qualificação.

Prof.^a Dr^a Lídia Rochedo Ferraz teve um papel fundamental durante o estágio de docência pois tive a certeza que ministrar aulas é uma paixão que quero vivenciar

A minha querida Prof.^a Dr^a Maria Inês Gasparetto Higuchi, minha mentora e orientadora que sempre foi solícita e me ensinou e tem me ensinando muito, sem você não seria possível a conclusão do mestrado, minha eterna gratidão.

Á família LAPSEA, obrigada a todos que fazem parte deste laboratório que não tem somente troca de saberes, mas troca de relações e empatia.

Às pessoas que sempre compreenderam a importância do tempo dedicado para conclusão do mestrado e entenderam a distância, principalmente meus pais e família.

A cada idoso que doou seu tempo para participar da pesquisa, minha gratidão.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPG-CASA) por abrir caminho para o crescimento e evolução e aos professores por todo ensinamento prestado em especial ao Prof. Dr. Henrique Silva, sem rodeio e muito pontual durante as aulas.

Á FAPEAM pelo apoio financeiro.

Obrigada

RESUMO

O processo de envelhecimento no ciclo vital de uma pessoa traz consigo algumas mudanças biológicas, psicológicas e sociais. O termo Conexão com Natureza (CN) é utilizado na Psicologia como um vínculo subjetivo de interação vital com o mundo natural. A CN tem sido apontada como um preditor da felicidade, ou bem-estar subjetivo (BES) das pessoas e que as pessoas que se sentem conectadas à natureza querem protegê-la e possuem motivações para adotarem comportamentos ecológicos. Por outro lado, sabe-se que a população que mais cresce é a idosa e esse grupo de pessoas participa ativamente da vida nas cidades em decorrência das melhorias nas condições de saúde e consequente aumento da expectativa de vida. Estudar a relação idoso-ambiente, é assim, uma realidade necessária. O objetivo do estudo foi verificar os níveis de CN entre os idosos da região metropolitana de Manaus-AM (Manaus, Iranduba, Manacapuru e Careiro Castanho, Novo Airão) e se os diferentes níveis de CN influenciam o BES, aqui indicado como níveis de felicidade subjetiva. Utilizou-se uma entrevista semiestruturada cujo protocolo continha perguntas abertas, fechadas e escala de CN e de EFS. Participaram 62 idosos entre 60 e 83 anos de idade (Fem=23; M=36). As respostas foram audiogravadas e depois de transcritas foram inseridas numa planilha Excel e SPSS para as análises. As perguntas fechadas foram submetidas à Análise de Conteúdo (Bardin), e as demais seguiram análises estatística descritiva no Excel e SSA (*Smallest Space Analysis*) no SPSS. Os resultados mostram que a maioria dos idosos possui altos níveis de CN bem como de felicidade subjetiva. No entanto, estes construtos psicológicos não estão associados de modo que a CN não é preditora da felicidade subjetiva manifestada pelos idosos. Nesse sentido, a percepção de felicidade pode ter outros elementos que estão atuando para assim se sentir, e que os níveis de CN não implicam necessariamente em felicidade para o idoso. CN e FES como estados psíquicos não são mutuamente associados para estes idosos. Constatou-se ainda que os idosos que consideram a natureza como parte de sua identidade são os mesmos dizem se sentir próximo da natureza em sua moradia atual, mesmo morando em área urbanas. O item da escala de CN com menor média relativa foi a respeito do interesse em passar férias em lugares remotos e isolados. Tal item para os idosos deste estudo com baixo rendimento e vivências passadas na Amazônia, parece ser desequilibrador da média geral de CN, o que leva a inferir que tal item tenha que ser revisto quando da população de idosos brasileiros. No entanto, constatou-se que os idosos que se declararam menos felizes são também os que menos se preocupam com os problemas ambientais. Este resultado é significativo no sentido de que a infelicidade atua diretamente na falta de cuidado com o ambiente, entretanto, a felicidade subjetiva dos idosos não parece influenciar o tipo de preocupação com os problemas ambientais.

Palavras chaves: Idoso. Bem-estar subjetivo. Conexão com a Natureza. Felicidade. Amazônia.

ABSTRACT

The aging process brings either a biological, psychological, and social changes of a person. The term Connection with Nature (CN) is used in Psychology as a subjective bond of vital interaction with the natural world. CN has been identified as a predictor of happiness, or subjective well-being (BES) of people and that people who feel connected to nature want to protect it and have motivations to adopt ecological behaviors. To study elderly population is to accept that this group of people actively participates in life in cities because of improvements in health conditions and consequent increase in life expectancy. This study deals with the elderly population that resides in the Amazona and that had an intense contact with nature in the past. Therefore, studying the elderly-environment relationship is justifiable. The objective of the study was to verify the CN levels among the elderly in the metropolitan region of Manaus-AM (Manaus, Iranduba, Manacapuru and Careiro da Castanho, Novo Airão) and if the different CN levels influence the BES, here indicated as levels of subjective happiness. A semi-structured interview was used whose protocol contained open and closed questions and a CN and EFS scale. Participants were 62 elderly between 60 and 83 years of age (Fem=23; M=36). The responses were audio-recorded and after being transcribed, they were inserted into an Excel and SPSS spreadsheet for analysis. The results show that most elderly people have high levels of CN as well as subjective happiness. However, these psychological constructs are not associated, so that CN is not a predictor of subjective happiness manifested by the elderly. In this sense, the perception of happiness may have other elements that are acting to make it feel that way, and that CN levels do not necessarily imply happiness for these participants. CN and FES as psychic states are not mutually associated for these elderly people. It was also found that the elderly who consider nature as part of their identity are the same ones who say they feel close to nature in their current home, even living in urban areas. The item on the CN scale with the lowest relative average was the interest in spending vacations in remote and isolated places. This item for the elderly in this study with low income and past experiences in the Amazon, seems to be unbalancing the general average of CN, which leads to infer that this item must be revised when considering the population of elderly Brazilians. However, it was found that the elderly who declared themselves to be less happy are also the ones who are least concerned with environmental problems. This result is significant in the sense that unhappiness acts directly on the lack of care for the environment, thus, the subjective happiness of the elderly does not seem to influence the type of concern with environmental problems.

Keywords: Elderly. Subjective well-being. Connection with Nature. Happiness. Amazonia.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Teste de KMO e Bartlett.....	33
Tabela 1: Perfil Sociodemográfico dos idosos participantes.....	18
Tabela 2: Médias dos itens da NR-6.....	33
Tabela 3: Média dos itens de EFS.....	41
Tabela 4: Correlações obtidas a partir da preocupação com problemas ambientais e FES.....	42
Tabela 5: Médias dos itens da NR-6 e Médias dos itens da EFS.....	43

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Distribuição do entendimento de natureza entre homens e mulheres.....	24
Figura 2: Distribuição de experiências vividas em ambientes com natureza entre homens e mulheres.....	24
Figura 3: Tipo de experiências na natureza quando crianças em função morar ou não no interior.....	26
Figura 4: Tipo de experiências na natureza em função da saudade daquele lugar.....	26
Figura 5: Percentual dos idosos em função da preferência do lugar de moradia e frequência aos ambientes naturais.....	27
Figura 6: Percentual dos idosos em função de sentir próximo à natureza e frequência aos ambientes naturais.....	28
Figura 7: Percentual de entendimento de natureza e preocupação ambiental dos idosos.....	28
Figura 8: Teste de KMO/Bartlett de verificação do conjunto de dados da amostra.....	33
Figura 9: SSA em função do lugar de moradia e frequência a lugares com natureza.....	35
Figura 10: Dispersão espacial (SSA) dos itens de CN e EFS.....	35

SUMÁRIO

PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO	15
ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	17
PERFIL DOS PARTICIPANTES	17
O ENVELHECIMENTO E A CONVIVÊNCIA COM E NA NATUREZA	19
Introdução	19
Resultados e Discussão	22
Entendimento sobre natureza entre os idosos	23
Experiências de convivência com a natureza na infância e adolescência	25
A relação com a natureza e preocupações ambientais atuais	27
CONEXÃO COM A NATUREZA DOS IDOSOS	31
Introdução	31
Resultados e Discussão	33
FELICIDADE SUBJETIVA E CONEXÃO COM A NATUREZA EM IDOSOS	38
Introdução	38
Resultados e Discussão	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE A – Protocolo de entrevista	52
APÊNDICE 2 – TCLE	54
ANEXO 1 – Aprovação do CEP	56

INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

O Estado do Amazonas tem o desafio de enfrentar as transformações que estão ocorrendo em seu perfil etário: o número de pessoas idosas está crescendo rapidamente com o aumento da expectativa de vida, conhecido como longevidade. Diante desse panorama social, o Estado vem desenvolvendo programas que atendam as demandas desses idosos e que ofereçam condições para um envelhecer com qualidade de vida. Os censos demográficos têm demonstrado o aumento da população idosa no Amazonas ter um dos menores percentuais do país, no período entre 2012 e 2021, a parcela de pessoas com 60 anos ou mais saltou de 7,0% para 9,3% da população amazonense. Em números absolutos, esse grupo etário passou de 249 mil para 381 mil, crescendo 34,7% no período (IBGE, 2022).

Como destaca Bernardes (2007) a velhice hoje é vista não como uma categoria natural, mas socialmente construída, portanto, não permite um conceito absoluto, mas o estabelecimento de uma nova condição social. Logo, envelhecimento é um processo que se constrói ao longo da existência humana, seja como aspecto individual ou aspecto coletivo. O envelhecimento, até então visto como período de riscos e decadência biológica e emocional, passa a ter um lugar especial não só para o indivíduo, mas também para a coletividade. Como tal, os idosos se afirmam como um grupo produtivo, ativo e dinâmico na produção da sociedade.

No processo de formação da pessoa há múltiplos fatores que favorecem positivamente esse processo. Entre esses fatores, a literatura nos mostra o quanto o contato e vínculo subjetivo com a natureza beneficiam a saúde integral das pessoas. Vários estudos com essa premissa foram desenvolvidos com crianças, jovens e adultos tendo o construto de Conexão com a Natureza (CN) como foco de atenção (ZELENSKI; NISBET, 2014). Para Mayer; Frantz, (2004) a CN significa o vínculo subjetivo que o indivíduo tem com o mundo natural, ou ainda, *a crença de um indivíduo a respeito de quanto ele ou ela faz parte da natureza* (SCHULTZ, 2009). Segundo os autores Zelenski; Nisbet (2014) é consenso entre os pesquisadores que altos níveis de CN contribuem para a saúde e qualidade de vida das pessoas e na adoção de um comportamento de proteção e conservação dos ambientes naturais.

A CN tem sido apontada ainda, como um preditor do bem-estar subjetivo (BES), ou seja, da felicidade, da satisfação com a vida (CLEARY et al., 2017; WHITTEN *et al.*, 2018; 2020). Em seus trabalhos, Wolsko e Lindberg (2013) fazem uma relação da CN com o sentimento de bem-estar psicológico e com a satisfação com a vida. O bem-estar subjetivo (BES) é uma dimensão do bem-estar psicológico (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004) que

as pessoas usam para avaliar e descrever seus níveis de bem-estar (MAIA, 2018). Já Ribeiro (2018) esclarece que felicidade, numa leitura psicológica, pode ser sinônimo de BES, que neste estudo se adota de tal forma.

Vários estudos apontam que pessoas com altos níveis de CN possuem altos graus de Bem-estar Subjetivo (GIACOMONI, 2004; MACKERRON; MOURATO, 2013; MCMAHAN; ESTES, 2015). Considerando que tanto a CN quanto o BES são estados psicológicos que colocam o indivíduo numa posição de cuidado e proteção com a natureza e a biodiversidade, investigar tais aspectos pode nos mostrar caminhos para uma sustentabilidade socioambiental. Na Amazônia, onde a floresta e seus elementos constituintes são aspectos muito presentes para os seus habitantes, alguns estudos exploraram esse construto na vida de jovens e adultos, porém poucos trazem tais vínculos entre os idosos. Entre estes estudos realizados com população amazônica destaca-se os estudos de Ribeiro (2018) e Zacarias (2018) e Paz *et al.* (2020).

Ribeiro (2018) constatou que o espaço físico com abundante natureza nativa do campus contribui de forma distinta para o BES dos universitários em Manaus, embora os aspectos arquitetônicos dos prédios sejam também considerados importantes. Já Paz e seus colegas (2020) em seu estudo com professores de escolas públicas de Manaus, verificaram que a idade, gênero e área de formação universitária são determinantes nos graus de atitude afetiva em relação à natureza entre tais docentes. Zacarias (2018), por outro lado, desenvolveu sua pesquisa com objetivo de compreender o comportamento de CN entre pais/mães na cidade de Manaus e suas implicações nas experiências proporcionadas aos filhos (as) ainda na infância.

Salvo melhor conhecimento, estudos com pessoas idosas e a relação com a natureza, têm sido escassos. Num destes poucos estudos, Amancio (2018), trata especificamente sobre CN, trouxe em sua pesquisa alguns aspectos de docilidade ambiental que podem ser incluídos como parte de intervenções em ambientes que promovam qualidade de vida. A autora sugere que a docilidade ambiental tanto no sentido de proporcionar espaços construídos mais dóceis quanto de manter áreas com vegetação, pode potencializar o bem-estar das pessoas idosas no dia a dia.

Para o idoso a autonomia e liberdade são atributos importantes de qualidade de vida e felicidade. No entanto, em situações como a ocorrida com a pandemia do Covid-19, que forçou um isolamento social para evitar disseminação do vírus causador da doença, os idosos, de modo especial, podem ter sofrido muito. O afastamento das pessoas de seu convívio cotidiano e o distanciamento da natureza, no entanto, pode se configurar como uma equação cruel cuja soma provoca desequilíbrio não apenas aos idosos, mas a toda a sociedade que convive com eles. E

nesse sentido, estar longe de ambientes verdes pode ter um significado especial para o idoso amazônida.

Assume-se que para esses idosos a natureza possui um elo cultural forte que foi construído historicamente (AMANCIO, 2018). A relação com a natureza, de modo geral, é algo que a humanidade carrega dentro de si como uma necessidade básica biológica e cultural. Os povos primitivos acreditavam depender da natureza e dela viviam quase exclusivamente. Ao longo dos anos, porém, com avanços tecnológicos e com a chegada da industrialização e modernidade, essa relação passou a ser secundária, e muitas vezes subjugada pelos seres humanos. Nas grandes cidades, como é o caso de Manaus, apesar de terem no passado convivido mais próximo à natureza, os idosos, em especial, têm muitas dificuldades de se locomover para lugares que preservam a natureza, e os poucos espaços verdes acessíveis na cidade impedem as pessoas de usufruir dos benefícios associados a esse contato (MARQUES *et al.*, 2021).

Em relação ao exposto Ribeiro (2018) afirma que o espaço físico não é constituído apenas pela concretude material, mas também pelos significados que são compartilhados no grupo social, uma vez que naquele espaço há uma série de acontecimentos sociais que estão imbricados entre o objeto e as pessoas. Então, os idosos ao terem acesso a um determinado lugar, estarão também tendo acesso às pessoas, as trocas simbólicas de afeto, de existência. Isso pode ocorrer no distanciamento de um lugar, por exemplo, como os espaços naturais que trazem memórias afetivas e de restauração psicossocial aos idosos.

Justifica-se, portanto, estudos com esse público, pois o envelhecimento humano é parte inevitável do ciclo de vida, e dependendo das condições dadas no cotidiano das pessoas, estas tendem a ser longevas. Sabe-se que a população que mais cresce é a idosa e esse grupo de pessoas participa ativamente da vida nas cidades em decorrência das melhorias nas condições de saúde e conseqüente aumento da expectativa de vida. Estudar a relação idoso-ambiente, é assim, uma realidade necessária. Com tal situação, surgem demandas concernentes à saúde e atividades que possam dar a esses idosos condições dignas no meio social. Segundo Amancio (2018) o acesso à natureza traria melhoria de qualidade de vida e felicidade, tal qual um bom saneamento básico e cuidados com a saúde permitiriam maior longevidade às pessoas em boa parte do mundo. Entende-se que o FES e a CN podem trazer elementos importantes para a implementação de programas de intervenção eficientes e eficazes com idosos.

Diante de tais inquietações, este estudo investigou os níveis de CN e Felicidade Subjetiva (EFS) dos idosos que residem na região metropolitana da cidade Manaus-Am. Partiu-se dos seguintes questionamentos: Como esses idosos se sentem conectados com a natureza?

Como estão os graus de felicidade subjetiva desse idosos? Os diferentes níveis de CN influenciam os estados de felicidade subjetiva (FES) em idosos? Dessa forma, o objetivo geral foi analisar os graus de CN e FES e quais as implicações dos diferentes níveis de CN no FES em idosos residentes na região metropolitana de Manaus-AM.

A escolha deste tema de pesquisa foi motivada pela minha formação em psicologia e a prática com idosos, pois nas pesquisas anteriores que participei com este público na cidade de Manaus, percebi que a maioria dos participantes traziam relatos de sua juventude quando moravam no interior, quando tinham um contato direto com a natureza, por meio do trabalho como agricultor, na roça, na criação de animais e na utilização dos rios e igarapés. Destaca-se que os idosos se sentem parte da natureza e possuem grande apreço por ela, mas que necessitam de oportunidades para ter o contato com a natureza. Maior acessibilidade e políticas públicas voltadas a essa classe social, inserindo-os numa perspectiva cidadã que lhes ofereçam melhor qualidade de vida.

PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO

Esta pesquisa de abordagem descritivo-exploratório foi conduzida a partir da entrevista semiestruturada. O modo descritivo, assim se denomina em função do detalhamento dos acontecimentos, episódios, concepções ou comportamentos que têm lugar na população analisada (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). O modo exploratório, segundo Andrade (1997), visa prover mais conhecimentos sobre o assunto que se vai investigar, restringindo ao tema investigado.

Neste estudo a participação dos idosos residentes na região metropolitana de Manaus-AM (Manaus, Manacapuru, Careiro Castanho e Iranduba, Novo Airão. A seleção da amostra foi feita por conveniência e acessibilidade que, segundo Gil (2008), com esta escolha o pesquisador seleciona os possíveis informantes a que tem acesso, acatando que estes possam, de alguma forma, compor a população desejada para o estudo. Para tanto se estabeleceu um contato com os participantes a partir de uma relação de idosos que já eram conhecidos a partir de trabalhos conduzidos pela pesquisadora e alguns colegas em cada uma dessas cidades. A partir daí outros contatos foram feitos seguindo a técnica de bola de neve.

Foi utilizado a técnica de entrevista semiestruturada cujo protocolo continha uma seção com questões sociodemográficas para compor o perfil dos participantes e questões abertas sobre o histórico de sua relação com a natureza (APÊNDICE A). Foram utilizadas ainda duas escalas sociais do tipo Likert: uma para mensurar os níveis de CN e outra para mensurar os níveis de

FS. Esse protocolo configurou-se assim numa entrevista com múltiplos instrumentos. A entrevista foi aplicada individualmente em um local previamente agendado em concordância com os participantes e teve duração média de 22 a 25 minutos. A seção de dados sociodemográficos e resposta das escalas foram escritas diretamente no protocolo pela pesquisadora, já as questões abertas foram gravadas e transcritas. Foi realizada uma análise descritiva dos resultados, Moraes et al., (2011). Todos os dados foram incluídos numa planilha Excel para posterior análise.

A Escala de Ligação com a Natureza na versão reduzida (NR 6) foi desenvolvida para avaliar a relação com a natureza (NISBET; ZELENSKI, 2011). A NR6 consiste em 6 itens destinados a compreender aspectos afetivos, cognitivos e contato físico das pessoas com a natureza. Em cada um dos itens solicita-se ao respondente indicar o grau de concordância em uma escala do tipo likert de 1 a 5 pontos (*1-Discordo Plenamente; 2-Discordo; 3-Não sei; 4-Concordo; e, 5-Concordo Plenamente*). Essa escala é uma das mais utilizadas em estudos sobre a CN em diversos países (WHITBURN; LINKLATER; ABRAHAMSE, 2019). No contexto brasileiro, essa escala demonstrou confiabilidade em seu uso (PAZ *et al.*, 2020).

Inicialmente foram feitas duas aplicações para teste piloto em dois idosos com escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES) de Albuquerque e Tróccoli (2004), porém percebeu-se que devido a condição da idade se tornou cansativo, pois levou mais de 40 minutos nos 62 itens. Optou-se assim, por utilizar a Escala de Felicidade Subjetiva (EFS) por ser uma escala análoga ao BES e por ser mais adequada aos idosos, uma vez que contém apenas 4 itens, não tornando o processo tão cansativo.

Considerando-se que na literatura a felicidade é tido como um indicador de bem-estar subjetivo (DIENER, 2006) adotou-se neste estudo a Escala de Felicidade Subjetiva (EFS) que conta com quatro afirmativas, desenvolvida por Lyubomirsky, Lepper, (1999) e pode ser considerada sinônimo de bem-estar subjetivo (PAIS-RIBEIRO, 2012). E EFS foi validada para uso transcultural na Europa por Pais-Ribeiro (2012) utilizada no Brasil por Ribeiro (2018). O mesmo autor acrescenta ainda que no estudo de validação concluiu que a versão portuguesa da Escala de Felicidade Subjetiva (EFS) mostra propriedades psicométricas idênticas da versão original e que pode ser utilizada para comparação transculturais (PAIS-RIBEIRO, 2012).

Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos foi necessário atender as normas previstas nas Resoluções 196 (BRASIL, 1996) 512 (BRASIL, 2012) 510 (BRASIL, 2016), que definem as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas. Nesse sentido, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP-UFAM)), e sua aprovação sob nº 5.733.142 (ANEXO 1). Todos

os idosos aceitaram verbalmente ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi lido e gravado para sua efetiva participação (APÊNDICE B).

As análises das perguntas abertas foram realizadas utilizando-se a técnica proposta por Bardin (2006), a partir da análise de conteúdo temática. Já as análises dos dados quantitativos foi desenvolvida no Excel e o Microsoft Power BI (Microsoft, 2023) e assim como as associações entre as variáveis qualitativas foram medidas através do Teste Exato de Fisher, na qual obteve-se as tabelas e gráficos para demonstração dos dados obtidos das amostragens.

ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo aborda-se o envelhecimento como um ciclo do desenvolvimento que deve ser levado em conta pela importância que os idosos representam como pessoas ativas e cuja cidadania deve ser respeitada na sociedade e como agentes protagonistas na relação com o meio ambiente. Em seguida, estão ordenados os resultados a respeito da relação dos idosos com a natureza no período da infância e suas preocupações a respeito do meio ambiente.

No segundo capítulo o destaque é o construto de CN e os estudos realizados bem como os resultados obtidos no presente estudo. No terceiro capítulo discute-se o construto de bem-estar a partir dos níveis de felicidade subjetiva e sua relação com a CN, e os resultados obtidos com os idosos participantes deste estudo. Por fim as Considerações Finais.

PERFIL DOS PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 62 idosos 36 (58%) homens e 26 (42%) mulheres, sendo 32 da região metropolitana de Manaus: 07 da cidade de Manacapuru, 08 da Cidade de Novo Airão, 18 da Cidade de Careiro-castanho, e na capital de Manaus 30 idosos, dos 07 entrevistados na cidade de Manacapuru 05 eram moradores de abrigo chamado Casa de Sara, e 07 moravam com familiares. Dos entrevistados que moravam na cidade de Novo Airão, somente um morava sozinho e os demais com cônjuge ou familiares.

A faixa etária dos entrevistados varia entre 60 até pessoas no ciclo acima dos 80 anos, com uma idade média de 69 e desvio padrão de 6,23 anos. A grande maioria 91,93% dos idosos participantes possui uma renda mensal própria e a maioria (66%) com ensino fundamental incompleto. A religião predominante entre os idosos é a evangélica com 61,30%, seguida da católica com 30,64%, enquanto 8,06% possuem outra ou nenhuma religião (Tabela 1).

Tabela 1 –Perfil Sociodemográfico dos idosos participantes

Variáveis	n	%
Gênero		
Masculino	36	58,06
Feminino	26	41,94
Faixa-etária		
60 -- 65	18	29,03
66 -- 70	23	37,10
71 -- 75	10	16,13
76 -- 80	9	14,52
>80	2	3,23
Média ± Desvio Padrão	69 ± 6,23	
Escolaridade		
Alfabetizado	1	1,61
Fundamental Incompleto	41	66,13
Fundamental Completo	7	11,29
Médio Incompleto	2	3,23
Médio Completo	6	9,68
Superior Incompleto	0	0,00
Superior Completo	5	8,06
Possui uma Renda Mensal		
Sim	57	91,93
Não	5	8,07
Cidade de Moradia		
Manaus	29	46,77
Manacapuru	7	11,29
Novo Airão	8	12,91
Careiro	18	29,03
Religião		
Evangélico	38	61,30
Católico	19	30,64
Judeu	0	0,00
Matriz Africana	1	1,62
Espírita	0	0,00
Outra	2	3,22
Não Tem	2	3,22

Fonte: Autora (2023).

CAPÍTULO 1

O ENVELHECIMENTO E A CONVIVÊNCIA COM E NA NATUREZA

Introdução

A legislação brasileira considera uma pessoa idosa com mais de 60 anos, mas nas últimas décadas a OMS (2020) já não inclui essa idade como necessariamente uma pessoa idosa, e sim aquelas com mais de 70 anos. Tais nuances, entretanto, são postas mais para fins políticos do que necessariamente para classificar o estado da pessoa. Enquanto a legislação preserva tais direitos, esta pode também contribuir para uma segregação visto que ser idoso hoje é uma categoria social distinta e plenamente ativa. Esta vida ativa, entretanto, não dispensa as limitações que surgem com a idade, como a diminuição do vigor físico, visão, audição e dentre outros, mas seus processos cerebrais estão ativos e mesmo que sua memória tenha alguma perda, o idoso ainda sim faz suas atividades diárias de forma exitosa (MARQUES *et al.*, 2021).

Considerando, pois que o processo de envelhecimento é uma realidade que traz consigo algumas mazelas biológicas e psicossociais, o idoso deve ser incluído em políticas públicas de cuidado que permitam lidar de maneira assertiva com a carga de pressão diante do seu cotidiano. No entanto, são poucas as intervenções e ações que dão suporte às singularidades desse período do ciclo de vida. Apesar dos direitos assegurados, os idosos continuam sendo negligenciados em boa parte das ações e políticas governamentais (MARQUES *et al.*, 2021).

Gáspari e Schwartz (2005), realizaram um estudo para identificar aspectos emocionais na percepção de idosos durante as vivências no lazer. Em um dos itens que tratava sobre a questão explorando o significado da visita à floresta, obteve respostas muito positivas após as atividades propostas, pois os respondentes descreveram a satisfação em sair da rotina, conhecer e rever pessoas e amigos. Para tais idosos esses encontros eram alegres e traziam a sensação de refrigerar as ideias, afastando o sofrimento e tristeza advindos do passado e presente difíceis. A partir destes resultados, os autores concluíram que a prática da educação em ambientes naturais pode contribuir para uma qualidade de vida da população idosa, através das práticas de vivências com a natureza.

Segundo Scarante (2021), durante as últimas quatro décadas, pesquisadores, profissionais da saúde e ambientalistas começaram a explorar a ligação potencial entre a natureza e seus impactos na saúde integral humana. Isso em parte se deve à crescente evidência

acumulada na literatura de pesquisas centradas nas relações entre as seguintes áreas: doenças crônicas e urbanização, implicações para a saúde das escolhas de estilo de vida da sociedade contemporânea, os impactos adversos da qualidade ambiental sobre a saúde do ser humano e a conexão entre a natureza e a felicidade. A autora destaca ainda que descobertas científicas atuais estão corroborando o que os seres humanos parecem saber intuitivamente: a conexão com a natureza oferece significativos benefícios para as pessoas e isso é mostrado através do aumento da felicidade e da satisfação com a vida, além do fortalecimento da saúde física e mental (SCARANTE, 2021).

Higuchi e Albuquerque (2022) em seu livro sobre Cronologias na Relação Pessoa-Ambiente, incluem uma seção com capítulos que abordam a velhice e o ambiente. Os textos dessa seção trazem reflexões acerca de alguns espaços que podem estar munidos de recursos que facilitam ou dificultam o dia a dia da pessoa idosa. Ao entender essa relação, explica Günther (2022), é possível identificar os aspectos que podem influenciar numa vida saudável e benéfica. A palavra velhice surgiu na linguagem Portuguesa no século XII e mostra que é a condição ou estado de velho, de quem não é novo, já a palavra ambiente determina aquilo que cerca, circunda todos os lados como cita. A compreensão desta relação pode trazer ganhos que poderão refletir tanto no meio social como econômico e ambiental.

Em seu texto sobre a inter-relações velhice e ambiente Higuchi (2022) cita a teoria de Urie Bronfenbrenner e Crouter (1983), que descreve três fases que relacionadas com a evolução do estudo de questões que tangem o foco hereditariedade versus ambiente, historicamente presentes nas pesquisas em psicologia do desenvolvimento. Já Günther (2022) explica que na primeira fase, de 1880 a 1930, tinha como base “o questionamento se o ambiente exerce influência no desenvolvimento”. Na segunda fase, de 1930 a 1950, o questionamento foi “que aspectos específicos do ambiente são relevantes para o desenvolvimento”. Na terceira fase, nas décadas de 60, sobressai que a idade e característica peculiar do indivíduo são fatores intervenientes, e a pergunta norteadora passa a ser então “como a variabilidade no ambiente pode provocar variabilidade no desenvolvimento”.

Os trabalhos de Lawton (1990), um gerontologista que incluiu estudos relevantes sobre a relação idoso e ambiente, defende que cada pessoa enfrenta de forma diferente as demandas e pressões ambientais, gerando maior ou menor conforto e adaptação à realidade vivida. Na velhice as pressões ambientais se asseveram e, portanto, é necessário intervenções específicas para atender as necessidades desse momento da vida. A autora discorre ainda que a inter-relação idoso-ambiente é também centrada em experiências subjetivas, seja cognitiva, afetiva ou comportamentais (GÜNTHER, 2022)

Wahl, Iwarsson e Oswald (2012) trazem a importância das experiências vividas e que fundamentam o pertencimento (relações com outras pessoas e com o próprio ambiente), bem como as motivações do idoso em querer dar a sua vida um novo rumo mesmo na velhice, e dessa forma, assumir práticas distintas. Esses processos acabam por dar rumos à relação idoso-ambiente, deixando cada vez mais evidente que não há uma velhice comum, mas diversas velhices. Essa diversidade é formada tanto pelos aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008). Segundo os autores, no envelhecer estão implícitos tanto a idade biológica, quanto social e psicológica. A idade biológica tem início antes do nascimento e se expande por toda longevidade humana. É um processo que é definido pelas modificações corporais que ocorrem ao longo do envelhecimento e caracteriza um processo celular e dinâmica biofísica.

A idade social tem como definição baseada no status social, obtenção de hábitos pelas pessoas para o cumprimento de muitos papéis sociais ou expectativas em relação aos seres humanos da mesma idade, em sua cultura e em seu grupo social. A velhice é uma experiência heterogênea e complexa, pois para pode significar o desengajamento da vida social e para outros o início de uma vida social prazerosa, composta por atividades e lazer (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008). Segundo Sadala e Brasileiro (2022) o idoso traz consigo diversos ciclos cronológicos do relacionamento com lugar, cuja participação social é o de ser a memória coletiva de seu grupo social, as autoras ainda afirmam que a história coletiva de um grupo ou comunidade só é garantida por seus interlocutores mais antigos, por isso a importância de dá atenção a esta fase da vida.

Já idade psicológica tem alguns conceitos que podem ser usados em dois sentidos como explica Nery (2003). Num sentido se refere à relação que existe entre a idade cronológica e às capacidades psicológicas, tais como percepção, aprendizagem e memória, as quais prenunciam o potencial de funcionamento futuro do indivíduo. Para o autor este é um senso subjetivo de idade que depende de como a pessoa avalia a presença ou ausência de marcadores biológicos, sociais e psicológicos do envelhecimento com outras pessoas da sua idade.

Segundo Schneider e Irigaray (2008) o julgamento subjetivo, a estimação da duração de eventos ou quantidade de tempo decorrido compõem este conceito de idade psicológica, que se associa diretamente com a idade cronológica e o meio e todo o contexto cultural, incluindo aspectos contextuais como o lugar em que se vive e todos os elementos que constituem um palco para os acontecimentos sociais. Os autores explicam que a idade psicológica pode ter a definição baseada nos padrões de comportamento adquiridos e mantidos ao longo da vida e tem

influência direta na forma como as pessoas envelhecem, afirma (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

O aumento de pessoas idosas é uma realidade mundial, exigindo assim uma maior atenção que assista este público em várias esferas, como social e saúde, e assegurar os direitos e necessidades através de ações das políticas públicas, afirma Gutierrez e Oliveira (2022). As autoras trouxeram em seus estudos a temática sobre envelhecimento e ambientes de vulnerabilidade ao suicídio no qual os participantes do estudo apresentaram considerável vulnerabilidade por vários fatores: situação socioeconômica, condições de saúde física ou mental precarizada, condições de perda de status e poder na família, isolamento relacional, abandono ou negligência familiar. Tais aspectos estão intrinsecamente relacionados nas problemáticas vividas pelo idoso, que quando em estado de vulnerabilidade passam a ser vitais para aumentar o sofrimento psicossocial e físico. É nesse momento que redes de suporte familiar e políticas públicas fazem a diferença (GUTIERREZ; OLIVEIRA 2022).

Diante desses argumentos teóricos, os idosos foram solicitados a se manifestarem sobre sua relação com a natureza, seu entendimento e experiências vividas no passado e no presente.

Resultados e Discussão

Os resultados aqui descritos se referem às questões específicas sobre natureza que foram respondidas pelos idosos participantes. Alguns resultados se referem às questões fechadas que foram analisadas a partir da estatística descritiva e outras questões foram analisadas a partir da técnica proposta por Bardin (2006) pela análise de conteúdo, formando categorias que expressam diferentes modos de entendimento a respeito da questão posta.

Os dados das perguntas abertas foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2006) que é um conjunto de formas adaptáveis ao campo da comunicação que é muito vasto. Essa técnica tem procedimentos sistemáticos, que consistem na elaboração de categorias a partir da identificação do conteúdo latente das respostas. De modo sucinto, a análise se realiza em três etapas: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados; inferência e interpretação. A *pré-análise* requer uma identificação das narrativas dos participantes a serem utilizadas na análise. A *exploração do material e tratamento dos resultados* se caracteriza a partir de uma leitura minuciosa dessas narrativas; a *inferência dos resultados e a interpretação* fornecerão o efetivo significado implícito nas narrativas e que darão origem a categorias de respostas sobre aquele determinado tema. Com a categorização agrupam-se as respostas de acordo com aspectos de similitude, respeitando-se os critérios

recomendados por Bardin, para que uma análise culmine em categorias válidas e excludentes entre si: que sejam *homogêneas* – não misturar conteúdos; que sejam *exaustivas* – esgotar as possibilidades do texto; que sejam *exclusivas* – um mesmo elemento não estar em duas categorias diferentes; que sejam *adequadas* – adaptadas e pertinentes ao conteúdo e objetivo; e que sejam *objetivas* – qualquer codificador consegue chegar aos mesmos resultados.

Entendimento sobre natureza entre os idosos

O entendimento sobre natureza para os idosos participantes deste estudo foi classificado em 4 categorias, a) *Conjunto de elementos naturais* (61%), b) Espaço de vivências (24%), c) Espaço geográfico (7%) e d) Indiferente (8%).

a) *Conjunto de Elementos Naturais*: A natureza é definida como um conglomerado de elementos generalizados entre flora, fauna, recursos hídricos e a própria terra. Ora esses elementos estão expressos de forma única ou juntos. No entanto, são colocados de forma genérica, aparecendo muito aves, árvores, plantas, rios e floresta. N=38

“[...] as árvores, rios, pássaros essas coisas” Masc. 72 anos.

“Coisas da terra, água e plantação”. Fem, 62 anos

b) *Espaço de vivências*: A natureza é definida como um espaço de vivências que traduz sentimento positivo e memórias de trabalho e que necessita cuidado e proteção em função de seus benefícios concretos de sobrevivência e felicidade. N=15

“Lugar muito tranquilo bom de viver”. Fem. 60 anos.

“Pra mim é uma coisa muito preciosa, maravilhosa, já pensou o verde. Gosto muito das flores, ar puro, tudo que Deus fez é perfeito.” Fem. 69 anos.

c) *Espaço geográfico*: A natureza é definida como um espaço circunscrito, por exemplo a floresta amazônica ou sua funcionalidade e subjetividade complexa. N=4

“Tinha rio, muito mato, a casa era de madeira tudo muito simples” Masc. 66 anos.

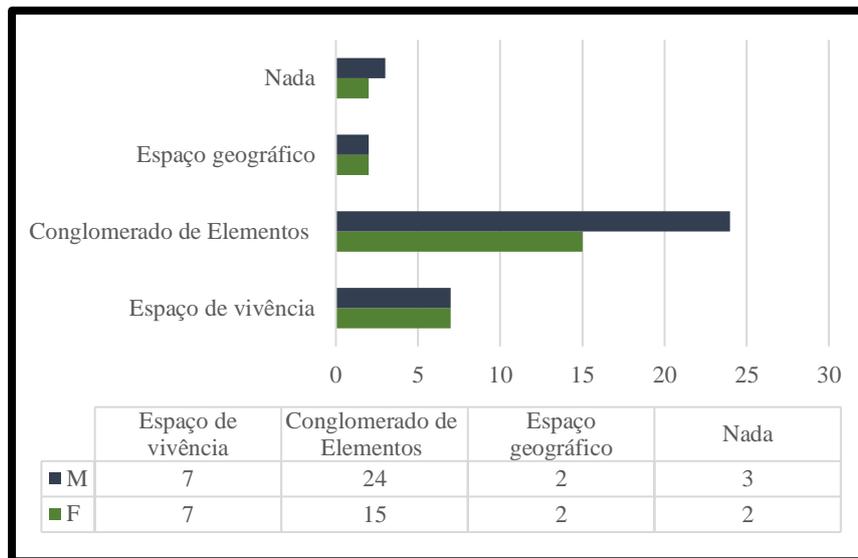
“A nossa região com maior floresta do mundo”. Fem. 75 anos.

d) *Indiferente*: A Natureza não é um aspecto que lhe traz algum sentido, e que ao se referir a ela nada lhe faz lembrança. N=5

“Não sei dizer porque não me ligo nessas coisas”. Masc. 65 anos

Observa-se que o gênero parece não influenciar esse entendimento, uma vez que cada categoria de entendimento segue a mesma tendência entre homens e mulheres. Em outras palavras, tanto homens quanto mulheres consideram a natureza como um conglomerado de elementos em primeiro lugar, seguido por espaço de vivência, depois espaço geográfico e por fim natureza nada representa para eles (Figura 1).

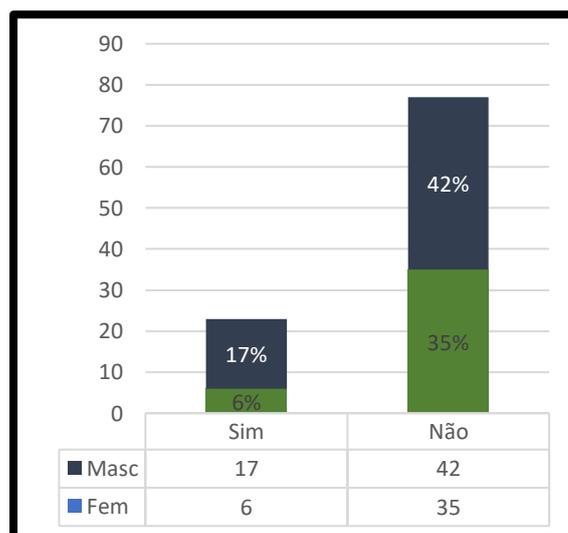
Figura 1: Distribuição do entendimento de natureza entre homens e mulheres.



Fonte: Autora (2023).

De modo geral, a maioria dos idosos (77%) relataram ter morado no interior, isto é, em comunidades rurais, 23% relataram ter sempre morado em espaços urbanos, pequenas cidades do interior ou na capital (Figura 2).

Figura 2: Distribuição de experiências vividas em ambientes com natureza entre homens e mulheres.



Fonte: Autora (2023).

Experiências de convivência com a natureza na infância e adolescência

Ao trazer em sua memória as experiências com a natureza durante a infância observou-se que a natureza foi lembrada como espaços relacionadas às atividades desenvolvidas a partir de três categorias, a) *espaço de trabalho e sustento* (61%), b) *espaço diversão*, (16%), c) *não se aplica* (23 %).

a) *Espaço de trabalho para seu sustento*: refere-se às experiências que demandavam ajuda das crianças no labor com os adultos em todas as atividades, tais como o plantio de macaxeira e outros legumes, na limpeza do roçado, na criação de animais, na extração de produtos (látex no seringal - madeira), coleta de frutos, casa de farinha e pesca. Observa-se que o trabalho era prioritário e que o brincar não fazia parte dessas experiências de ajuda mútua para o sustento da família.

“[Lembro] da criação de bichos, roçado, muito trabalho não sabia o que era brincar, era só ajudar pra viver bem” Masc. 82 anos.

“Plantio, muito plantio precisa ajudar todos tinham que trabalhar.” Fem. 60 anos.

“Caçar não brincava era trabalho pra ajudar no sustento.” Masc. 61 anos.

b) *Espaço de Diversão*: refere-se a experiências de lazer prazerosas para aqueles que moravam em cidades e em suas errâncias de fim de semana aproveitavam os rios e igarapés para diversão.

“Meu pai me levava pros banhos de Manaus”. Masc.73 anos.

“Sempre morei na cidade, aqui as vezes ia para banho quando os rios ainda não eram poluídos.” Fem. 78 anos.

“Na juventude que ia para os balneários, como ponte da Bolívia e outros que tinham aqui em Manaus.” Fem. 77 anos.

Para os que moravam no interior, em comunidades rurais, a natureza oferecia algumas vivências divertidas:

“Pescaria e tomar banho no rio apanhar frutas”. Masc. 63 anos.

“Era de brincar na água, nos igarapés...” Fem. 67 anos.

“Brincava no beiradão, andava de canoa.” Masc. 66 anos.

“Brincava de roda, corria na praia, no terreiro de casa.” Fem. 69 anos.

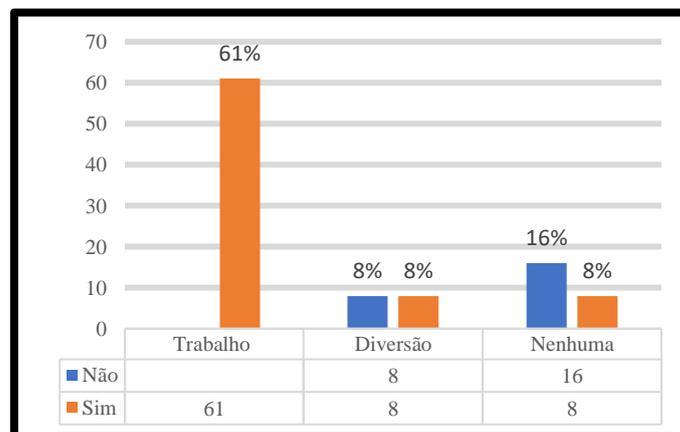
c) *Não se Aplica*: Não tiveram experiências na natureza ou não se lembram.

“Nenhuma, nunca saiu da cidade.” Masc. 68 anos.

“Nenhuma, sempre morei na cidade só andava de bicicleta e jogar bola.” Masc. 83 anos.

Os resultados mostram que a maioria (61%) dos idosos que moravam no interior (77%) quando crianças, lembram da natureza como um meio de realização de atividades voltadas essencialmente para uma vida de muito trabalho e pouca diversão. Já entre os que nunca moraram no interior (23%), alguns (8%) associam a natureza como um lugar de diversão e outros (8%) com lugar de trabalho. Entre os que não traziam memória alguma sobre as experiências com a natureza, 16% relataram não ter vivido no interior e 8% relataram ter vivido no interior (Figura 3).

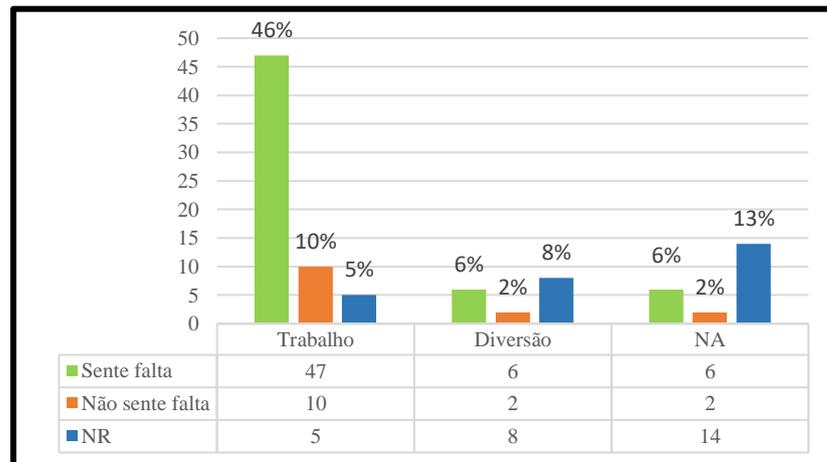
Figura 3: Tipo de experiências na natureza quando crianças em função morar ou não no interior.



Fonte: Autora (2023).

Baseando-se na história de vida na relação com a natureza no período da infância ou adolescência, a maioria (58%) dos idosos relatou sentir saudades daquelas experiências, 14% expressaram que não sentiam falta, e 26% não responderam. Centrando um olhar para cada grupo de experiências, observa-se que o sentir falta do lugar parece pouco associado com o tipo de experiência vivido (Figura 4).

Figura 4: Tipo de experiências na natureza em função da saudade daquele lugar.



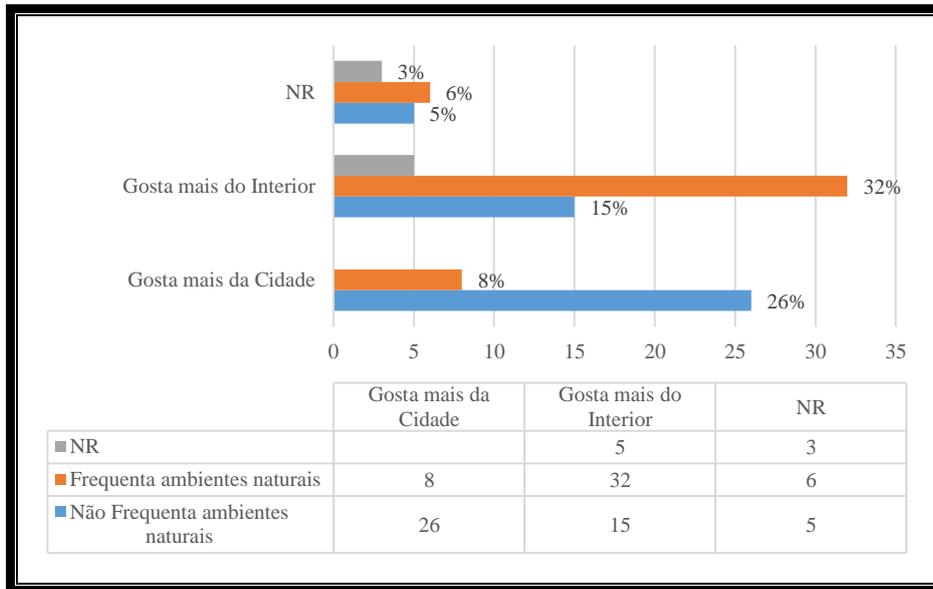
Fonte: Autora (2023).

A relação com a natureza e preocupações ambientais atuais

Se para a maioria dos idosos a natureza no passado estava próxima, no presente essa natureza está fora do alcance para muitos deles. Atualmente vivendo em espaços urbanos, 46% dos idosos relataram ainda frequentar lugares com a presença da natureza, 46% disseram não frequentar e 8% não respondeu. Embora a cidade seja o lugar de moradia atual, 47% dos idosos gostam mais de viver no interior, em comunidades rurais, mais próximo da natureza, 34% responderam que gostam mais de viver na cidade pois segundo eles a vida no interior é muito difícil, e 13% não sabe ou não respondeu.

Ao cruzarmos as respostas entre o lugar preferido de moradia e a frequência com que visita lugares com natureza, observou-se que os que gostam mais do interior são os que mais frequentam ambientes naturais, em contrapartida os que gostam mais da cidade são os que menos frequentam ambientes naturais (Figura 5).

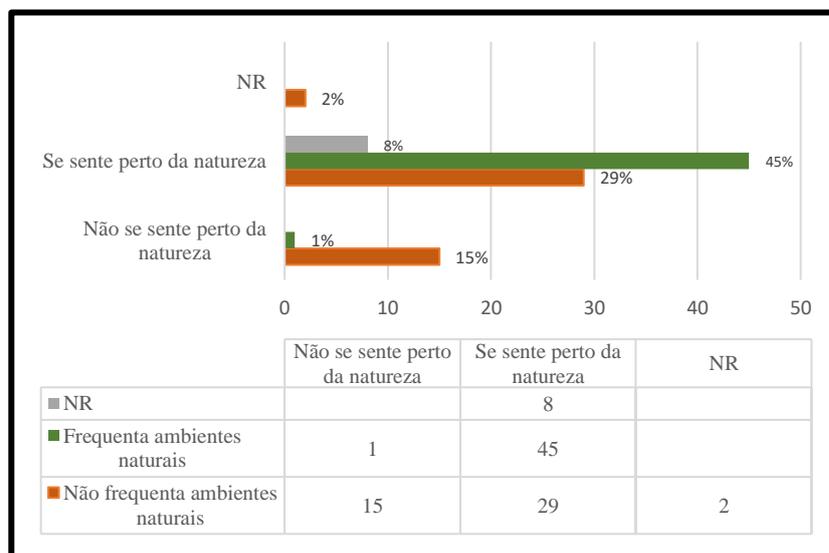
Figura 5: Percentual dos idosos em função da preferência do lugar de moradia e frequência aos ambientes naturais.



Fonte: Autora (2023).

Mesmo em áreas urbanas a grande maioria (82%) dos idosos se sentem próximos à natureza no lugar onde residem, já 16% deles não se sentem residindo próximo à natureza, e 2% não respondeu. Ao cruzarmos o tipo de sensação de proximidade com a natureza e a frequência com que visitam ambientes naturais, observa-se que os que mais da metade dos que se sentem próximos a natureza também são os que mais frequentam esses ambientes naturais, e ao contrário, entre os que não se sentem próximos à natureza também relatam não frequentar tais espaços (Figura 6).

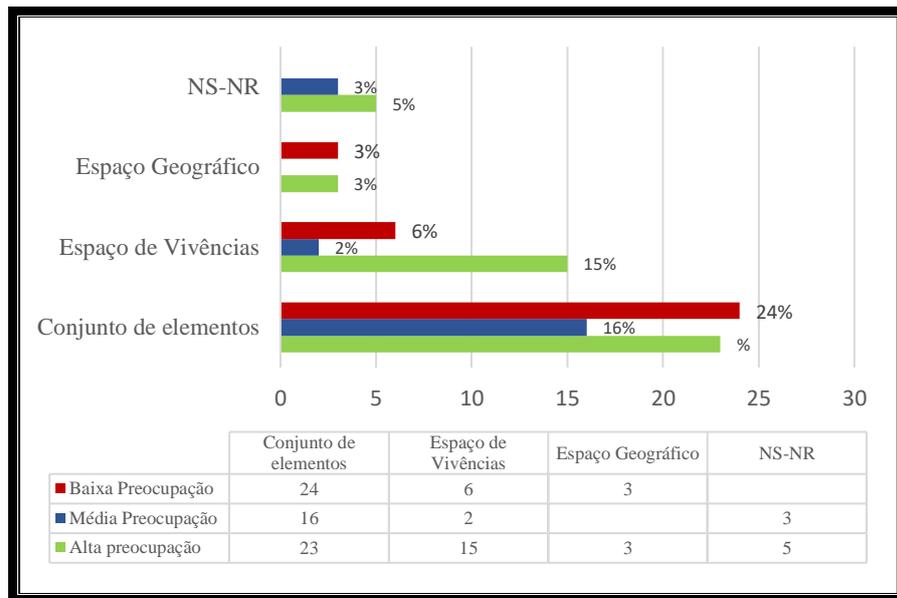
Figura 6: Percentual dos idosos em função de sentir próximo à natureza e frequência aos ambientes naturais.



Fonte: Autora (2023).

Em se tratando da preocupação com os problemas ambientais, observou-se que 46% dos idosos manifestam muita preocupação, 21% média preocupação e 33% baixa preocupação. Ao cruzar-se os percentuais em função do entendimento de natureza verificou-se que os idosos que consideram a natureza como espaço de vivências apresentaram maior índice de preocupação ambiental (Figura 7).

Figura 7: Percentual de entendimento de natureza e preocupação ambiental dos idosos.



Fonte: Autora (2023).

Partindo do entendimento deste estudo e pelo panorama apresentado nos estudos de Higuchi (2012), de que tanto os aspectos do ambiente físico quanto social são indissociáveis e inseparáveis, pois ambos são dimensões de um mesmo mundo, é importante salientar os principais resultados que emergiram neste estudo com os idosos. Nos estudos de Duarte (2022) a maioria dos idosos definiram a natureza como um conglomerado de elementos generalizados entre flora, fauna, recursos hídricos e a própria terra. Tal aspecto, considera o tipo de organismos presentes no espaço delimitado com tal, não é muito diferente do que outros estudos com outros grupos.

No entanto, uma parcela, embora pequena traz as experiências vividas nesses lugares. Nesse sentido, os estudos de Calegare e Higuchi (2013) esclarecem que o lugar enquanto espaço de vivências emerge coberto de significado e importância porque é nele que se desenvolve as ações, interações humanas, que contribuem para apropriação, o apego e, finalmente a identidade. No caso dos idosos, isto passa a ser mais intenso tendo em vista a capacidade de reflexão dos momentos vividos em cada um dos lugares.

Apesar de serem de uma geração onde os problemas ambientais não eram tópicos de atenção, os idosos deste estudo manifestam uma preocupação ambiental bastante acentuada,

especialmente entre aqueles que consideram o ambiente como um espaço de vivências sociais. Observou-se ainda, que a grande maioria dos idosos, mesmo residindo em áreas urbanas se sentem próximo da natureza em suas residências. Essa sensação se deve, não necessariamente por estar próximo de áreas verdes, mas por trazerem aspectos da natureza para suas residências: jardins, hortas etc.

Muito dessa atividade atual, se deve ao fato de que estes idosos terem resididos no interior ou em área rural e esta experiência ficou presente em suas preferências de contato com a natureza, mesmo que tais experiências do passado não tenham sido de todo positiva, uma vez que as dificuldades eram grandes e suas atividades de trabalho eram intensas. Tal realidade, no entanto, não parece ter trazido ressentimentos aos idosos, uma vez que a maioria relata ter boas lembranças da natureza exorbitante dos lugares que viveram quando pequenos. Essa realidade de residência em pequenas cidades do interior ou áreas rurais caracteriza a população de idosos no Amazonas. Marques e seus colegas (2021), mostram que a maioria dos idosos que fizeram parte de sua pesquisa afirmaram ter passado a infância e adolescência tendo contato com a natureza através dos rios, florestas e animais.

CAPÍTULO 2

CONEXÃO COM A NATUREZA DOS IDOSOS

Introdução

A Conexão com a Natureza (CN) é uma concepção muito importante para atitudes ambientais, indicando se o indivíduo tem um comportamento ecológico e, portanto, ajudando na proteção do ambiente. Mayer e Frantz (2004) afirmam que CN é a relação emocional do indivíduo com o mundo natural. Entende-se que os sistemas biofísicos, cujos elementos são a flora, a fauna e as formas geológicas são parte da existência psicossocial das pessoas e todos, indistintamente, estão afetados por eles em graus diferenciados. Portanto, alguns estudos comprovam que quanto maior for a CN de uma pessoa, maior será sua intencionalidade dirigida para sua proteção, e assim, menos danos serão causados ao mundo natural e maior a possibilidade da tão desejada sustentabilidade.

No estudo de Bruno e seus colegas (2019) que avaliaram a associação entre intensidade da CN para a promoção na educação alimentar, concluíram que os participantes que eram profissionais da atenção primária à saúde obtiveram baixos graus de CN, trazendo um alerta, pois para os pesquisadores é muito importante o papel dos profissionais da saúde como agentes na educação ambiental alimentar.

Para Wilson (1984), que propôs a teoria da biofilia, o ser humano nasce com a necessidade de estar em contato íntimo com a natureza, contudo, aos poucos foi se afastando deste contato pelo avanço dos centros urbanos e toda vida estressante que existe nele. A hipótese da Biofilia fundamenta a existência da necessidade humana de se relacionar com a natureza como meio de promoção de bem-estar biopsicossocial. O autor sugere que a criação de parques, zoológicos, jardins, bosques, lagos e paisagens naturais são consequência dessa necessidade. Nesse sentido, a familiaridade com tais espaços com elementos da natureza tem o poder de potencializar sensações agradáveis (ZANATTA *et al.*, 2020).

Logo, existe um grande interesse em estudos sobre estes contatos positivos com a natureza, que é responsável por mantermos altos níveis de CN. Zilstra *et al.*, (2014) descrevem três tipos básicos de contatos com a natureza: o direto, o indireto e o vicário. O contato direto é quando o indivíduo vive sensações intensas como a natureza, sentir a brisa, o barulho das folhas, o cheiro das plantas, a temperatura, as texturas e demais sensações dessa vivência positiva com a natureza. Já o contato indireto traz elementos da natureza para o seu dia a dia

como passear numa floresta, num bosque, cuidar de uma horta ou de um jardim. De modo geral, essas atividades estão muito presentes entre os idosos, mas vem crescendo entre os jovens adultos. O contato vicário é voltado ao aspecto de aproximação visual, contemplativo, através de filmes, vídeos, quadros e figuras com elementos da natureza e mesmo sendo vista por uma janela. Nesse sentido, não há contato físico com a natureza, mas o corpo, por meio das experiências anteriormente vividas conseguem reproduzir sensações como se no ambiente natural estivessem (DIAS, 2019).

Os benefícios do contato direto com a natureza são sentidos de forma consciente e inconsciente. Zelenski e seus colegas (2015) mostram que as pessoas após o fim de caminhadas curtas na natureza, produziram estados de espírito agradáveis e sentimentos de relacionamento com a natureza. Estudos consideram que a prática de recreação (desporto) na natureza e o compromisso e consciência ambiental dos seus praticantes são salutares para as pessoas, no entanto, atividades ao ar livre, em contato com a natureza, estão se tornando raras entre as pessoas de grandes cidades o que, leva assim, ao distanciamento desses espaços naturais (ROSA; CARVALHINHO, 2012).

Hey (2021) buscou em sua pesquisa determinar se a natureza trazida para o ambiente construído de espaços de trabalho doméstico por meio de design biofílico (que é usado na arquitetura como ferramenta para reconectar as pessoas ao ambiente natural) pode resultar em níveis mais elevados de bem-estar e CN. O autor concluiu que ao se ter um espaço organizado com a presença da natureza no ambiente interno os efeitos são semelhantes aos da exposição à natureza ao ar livre. No entanto, o autor sugere que tal relação é complexa e requer estudos mais aprofundados sobre o contato vicário. Mesmo assim, esse contato tem efeito positivo no bem-estar de uma pessoa, afirma Kaplan (2001). Dias (2019) afirma que a falta de contato com a natureza tem influência nos comportamentos pró-ambientais. Em seu trabalho sobre as crianças e o contato com a natureza, o autor explicou que promover ambientes que oferecem estes contatos pode trazer benefícios e conseqüentemente formar adultos mais conectados com o meio natural.

Esses estudos trazem a importância do contato com a natureza para todas as idades, e acredita-se que para idosos que conviveram com a natureza em sua infância e juventude, o contato é sempre restaurador de emoções. Nesse sentido, questiona-se a intensidade de relação com a natureza destes idosos. Para tanto, analisa-se aqui aspectos de contato com a natureza dos idosos e respectivos níveis de CN.

Resultados e Discussão

As análises foram realizadas a partir da Escala de CN-NR6, com o programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), análise da estrutura de similaridade ou análise dos menores espaços (SSA – *similarity structure analysis ou Smallest Space Analysis*). Deste modo, para verificar a relação entre mais variáveis, os dados foram analisados por meio da análise da estrutura de similaridade. No entanto, a maior parte dos testes não foram considerados apropriados para a amostra em questão.

A escala *Standardized residual sum of squares* foi adequada, não revelando correlação ($S=0,18099$ e $RSQ= 0,84376$). *Stress* de Kruskal é uma medida comumente empregada para determinar uma adequação de ajuste ao modelo; quanto menor o seu valor, melhor. O RSQ (*r-squared*) é o coeficiente de determinação do modelo; quanto mais próximo de 1, melhor o ajuste (HAIR *et al.*, 2009).

O teste de Alfa de Cronbach também foi realizado para verificar a confiabilidade de um construto, que pode variar de 0 a 1 sendo que quanto mais próximo de 1, há maior confiabilidade, isto é, intensidade da correlação entre os itens. Alfa superior a 0,70 é classificado como possuindo confiabilidade apropriada. Já a Análise Fatorial Exploratória (AFE) a fim de examinar as dimensões dos dados e indicador de fatorabilidade foi inexistente, isto é, os índices estatísticos não foram considerados adequados.

O Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling (KMO) é uma estatística que indica a proporção de variância em suas variáveis que pode ser causada por fatores subjacentes. Nesta pesquisa tivemos como resultado no KMO valores entre 0,50 e 0,59 considerado inadequado para fatoração (Quadro 1). O índice de KMO, ou índice de adequação da amostra para o conjunto de dados, varia de 0 a 1. Valores inferiores a 0,50 são apontados pela literatura como inaceitáveis; valores entre 0,50 e 0,59 são tidos como ruins; valores entre 0,60 e 0,69 são medíocres; valores entre 0,70 e 0,79 são considerados medianos; valores entre 0,80 e 0,89 são bons e valores entre 0,90 e 1 são excelentes (ZACARIAS, 2018).

Quadro 1: Teste de KMO/Bartlett de verificação do conjunto de dados da amostra.

Teste de KMO e Bartlett		
Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.		,590
Teste de esfericidade de Bartlett	Qui-quadrado Aprox.	55,668
	Df	15
	Sig.	,000

Fonte: Autora (2023).

Desta forma, optou-se por utilizar a análise descritiva da média, de cada item e da escala de CN como um todo. A média geral foi de 3,96, sendo que o valor mínimo era de 1 e máximo 5. Todos os itens tiveram médias relativamente altas, mas a afirmativa que “*Meu relacionamento com a natureza é parte importante de quem eu sou*” obteve a maior média (4,47) e a afirmativa de menor pontuação (3,55) foi “*Minhas férias ideais seriam em lugares remotos, em áreas naturais isoladas*” (Ver Tabela 2).

Tabela 2: Médias dos itens da NR-6

Afirmativa	Média	Desvio padrão
Minhas férias ideais seriam em lugares remotos, em áreas naturais isoladas.	3,55	1,490
Eu sempre penso como as minhas ações podem afetar o ambiente.	4,02	1,261
Minha conexão com a natureza e o ambiente é parte da minha espiritualidade.	3,97	1,318
Busco notícias sobre a vida selvagem onde quer que eu esteja.	3,82	1,385
Meu relacionamento com a natureza é parte importante de quem eu sou.	4,47	,900
Eu me sinto muito conectado a todos os seres vivos e a terra.	3,94	1,317

Fonte: Autora (2023).

Ao considerar os itens em geral, observou-se que a média de CN é relativamente alta para esses idosos, mostrando que a maioria deles se considera parte da natureza. No entanto, leves diferenças foram encontradas nas seis afirmativas. Observa-se que a maior média (4,47) foi aquela relativa à afirmativa “*Meu relacionamento com a natureza é parte importante de quem eu sou*”. Tal resultado quando associado com a pergunta do quanto se sente próximo da natureza em sua moradia atual, vemos que 82% responderam afirmativamente. Dessa forma, estes idosos, em sua grande maioria se sente próximo à natureza da mesma forma que considera a natureza parte de sua identidade pessoal. Esse resultado não surpreende, uma vez que para estes idosos amazônicos, a natureza era predominante em suas experiências de vida e trabalho. Embora as vivências tenham sido difíceis, estas constituíram parte de quem esses idosos são hoje.

A afirmativa “*Minhas férias ideais seriam em lugares remotos, em áreas naturais isoladas*” teve a média mais baixa de todas, ou seja: 3,55. O fato de estar relativamente mais baixa que as demais, considera-se uma afirmativa distinta para esse público. Os idosos participantes, todos originários da região, que é rica pela natureza e lugares remotos, esse item traz em si algo que talvez não seja interessante para essa população. Por um lado, ao se falar em férias, isso significa sair do lugar para outro com fins de errância, de lazer, de encontro com pessoas significativas. Portanto, férias em lugares remotos não parece se constituir uma força

distinta para evocar um aspecto de CN. Por outro lado, mesmo que hipoteticamente, sair de férias requer um aporte financeiro, o que para esses idosos é algo intangível, uma vez que a renda declarada entre 88% deles, é menor que dois salários-mínimos, e que suas despesas são predominantemente para a sobrevivência (alimentação e remédios). Tal perfil socioeconômico pode ter influenciado a média para baixo.

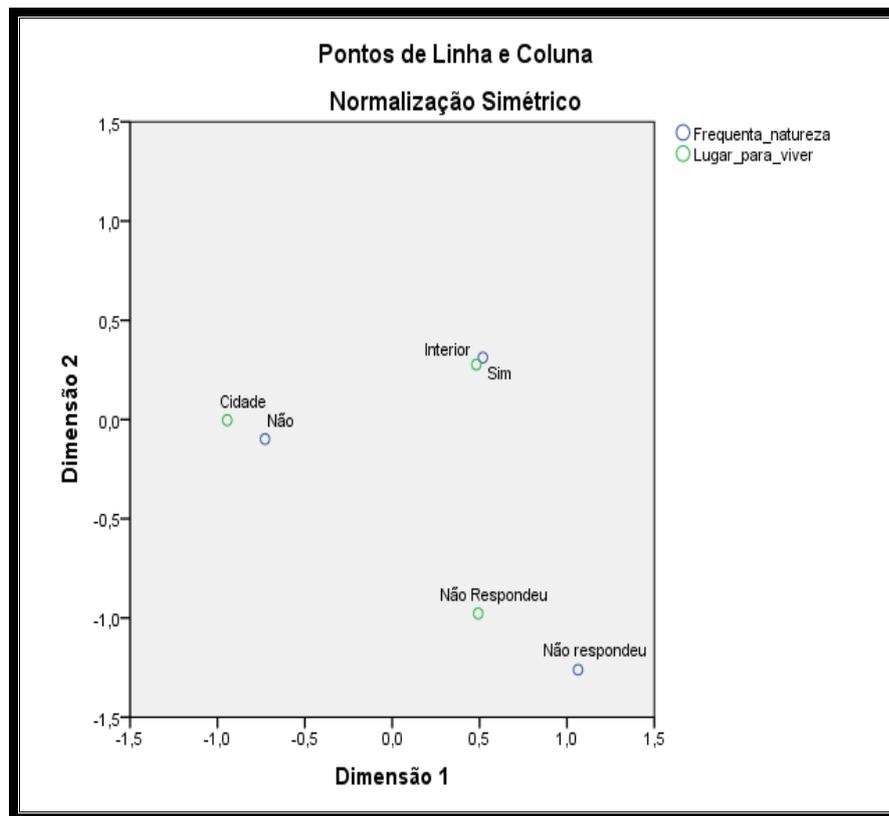
Os idosos têm menos interesses de passarem férias em lugares remotos e isolados, talvez por fatores da idade como afirmam Marques *et, al.* (2021) que na velhice, as viagens são mais reduzidas em função de vários fatores como dificuldade de mobilidade, problemas de saúde e dependência de apoio da família. Nesse sentido, a afirmativa concorre para médias baixas, que talvez, pudessem ser retiradas da escala para esse público brasileiro.

Observou-se ainda que a maioria dos idosos, na sua juventude tiveram um contato intenso com natureza, mesmo os que moravam na cidade de Manaus, pois os bairros nas décadas de 60, 70 eram menos urbanizados, os rios menos poluídos, e a cidade era ainda relativamente próxima da floresta. Como já apresentado no primeiro capítulo, as vivências na natureza amazônica para a maioria destes idosos nem sempre foi amigável. Os resultados mostram que a maioria (77%) dos idosos que morava no interior quando crianças, lembram da natureza como um meio de realização de atividades voltadas essencialmente para uma vida de muito trabalho e pouca diversão. Muita dificuldade foi vivenciada no tempo em que residiam em lugares próximos à natureza, entre elas o distanciamento dos bens e serviços públicos, o trabalho duro na roça ou nas “estradas” da seringa restando pouco tempo para brincadeiras na infância. Essas experiências mostram, que embora a natureza em geral seja considerada um aspecto de apreço, a natureza amazônica é também um fator de dificuldade para aqueles que vivem diretamente nela. Na velhice, um certo distanciamento de áreas remotas, parece ser mais sensato, mas nem por isso estaria comprometendo sua admiração e forte relação com a natureza.

Quando se trata do presente, estaria o lugar de moradia atual influenciando as visitas às áreas verdes? Para tentar responder tal questionamento sobre o lugar atual das vivências dos idosos e sua relação com a natureza, foi feita a Análise de Correspondência utilizando-se as duas variáveis: *Frequenta Natureza* e *Lugar onde vive*. Constatou-se que os idosos que moram na cidade são os que menos frequentam natureza e os idosos que moram no interior os que mais frequentam espaços com natureza (Figura 8). É possível inferir, a partir deste resultado que vários fatores estão associados. Por um lado, o interior amazônico é normalmente uma pequena cidade, mais próxima de uma vila e incrustada na floresta e rodeada por rios. Sendo assim morar nestes lugares é como estar inserida na natureza de alguma forma. É difícil separar o que é urbano do rural, e por conseguinte do que é ambiente construído do ambiente natural. Por outro

lado, morar na capital, que se caracteriza como uma metrópole com mais de 2 milhões de habitantes (IBGE, 2020) o acesso é difícil. Vários estudos afirmam que a dificuldade de acesso e mobilidade, segurança e tempo causam o distanciamento de áreas naturais em sua essência (MARQUES *et al.*, 2021).

Figura 8: SSA em função do lugar de moradia e frequência a lugares com natureza.



Fonte: Autora (2023).

Os idosos, de modo geral, informaram que na infância tiveram muito contato com a natureza, até mesmo os que moravam na cidade de Manaus, pois à época os bairros estavam sendo urbanizados, os filhos acompanhavam as mães para lavarem suas roupas nos igarapés mesclando trabalho e diversão. Tal realidade já não existe mais, tanto pela urbanização desordenada da cidade e pela poluição dos rios e escassez de arborização. A natureza e cidade já não parecem pertencer a um mesmo espaço. Segundo Zacarias (2018) isto é algo preocupante, uma vez que, o mundo inteiro vem percebendo o quanto o contato com a natureza tem sido benéfico, como prevenção de doenças cardiovasculares, diminuição do estresse, por isso a grande necessidade de um desenvolvimento sustentável, afirma a OMS 2023, e ajuda na interação das pessoas com a família.

A maioria dos idosos diz ter preocupação com os problemas ambientais (66%) e isto é perceptível ao considerarmos que a média alta (4.02) da afirmativa sobre “*Eu sempre penso como as minhas ações podem afetar o ambiente*”. Podemos inferir, a partir destes resultados, que estes idosos, não só se preocupam com os problemas ambientais como também se sentem responsabilizados em suas ações que possam afetar negativamente a natureza.

No Amazonas, historicamente a população idosa se relaciona direta e intensamente com o ambiente natural, se movimenta pelos rios quando vão visitar seus familiares ou até mesmo em busca de cuidados relacionados à saúde médica (MARQUES *et al.*, 2021). Ao perder tal autonomia e liberdade em situações como a ocorrida com a pandemia do Covid-19, que forçou um isolamento social para evitar disseminação do vírus causador da doença, os idosos, de modo especial, podem ter sofrido muito. O afastamento das pessoas de seu convívio cotidiano e o distanciamento da natureza, no entanto, pode se configurar como uma equação cruel cuja soma provoca desequilíbrio não apenas aos idosos, mas a toda a sociedade que convive com eles. E nesse sentido, estar longe de ambientes verdes pode ter um significado especial para o idoso amazônida.

Assume-se que para esses idosos a natureza possui um elo cultural forte que foi construído historicamente (AMANCIO, 2018), pois a natureza faz parte de sua identidade de lugar (ZACARIAS, 2018). Ao longo dos anos, porém, com avanços tecnológicos, a urbanização desordenada e a priorização da industrialização, essa relação passou a ser secundária, e muitas vezes subjugada pelos seres humanos. Porém, alguns estudos mostram que tal distanciamento da natureza pode estar na origem de muitos problemas da saúde física e mental das pessoas, de tal forma que os benefícios que ela proporciona acabam sendo negligenciados (ZACARIAS, 2018).

Já Wilson (1984), alega que, como humanos, temos a necessidade biológica do contato com a natureza em todos os momentos da vida, e se tais relações forem construídas de forma positiva, certamente servem de alento na velhice. Essa necessidade deveria impulsionar uma ética universal de valorização da natureza e que políticas públicas de atenção a esse acesso a áreas verdes para idosos deveriam estar em pautas emergentes.

Paz (2014) afirma que as relações que as sociedades têm com a natureza tem base nos significados que são construídos historicamente, ao longo do tempo e a partir das vivências que ocorrem, sabendo que culturalmente os idosos europeus e idosos dos estados da América Latina não tem vivências exatamente iguais, também a outros aspectos socioeconômicos, que de certa forma pode influenciar nos níveis de felicidades dos idosos.

CAPÍTULO 3

FELICIDADE SUBJETIVA E CONEXÃO COM A NATUREZA EM IDOSOS

Introdução

A Felicidade Subjetiva (FES) é um componente e em muitos casos um sinônimo de Bem-Estar subjetivo. Esses construtos psicológicos, apesar de suas peculiaridades conceituais, têm sido reiteradamente repetido nas conversas informais, na mídia, nas promessas políticas, na saúde e na educação. O bem-estar muitas vezes é entendido como sinônimo de qualidade de vida, porém ambos trazem em si uma complexidade em sua terminologia. Não é intenção deste estudo problematizar tais termos, mas de marcar um lugar distinto na definição de bem-estar subjetivo (BES). O BES é um conjunto de fenômenos que incluem respostas emocionais, domínio de satisfação e julgamento globais de satisfação de vida. Os estudos sobre BES buscam compreender as avaliações que as pessoas fazem de suas vidas, com a intenção de compreender cientificamente os fatores que promovem e mantêm a felicidade (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004).

Giacomoni (2004) ao destacar que surge na década de 1970 como um contraponto na literatura do comportamento humano que potencializa estudos sobre o sofrimento e infelicidade humanas, voltando seu olhar para o bem-estar e felicidade, onde desde tempos passados os filósofos já aceitavam que seria o maior bem e motivação humana. A partir de 1974 vários artigos começaram a serem publicados voltados para o tema bem-estar e Diener incluiu através de seus estudos o construto Subjetivo.

No estudo do bem-estar existem duas principais abordagens teóricas, uma que considera o bem-estar a partir da eudaimonia e outra a partir da hedonia (WHITTEN *et al.*, 2018). Bem-estar eudaimônico é um aspecto de elevação, senso de significado (o funcionamento psicológico) e, em relação ao aspecto hedônico se refere afeto positivo, o bem-estar subjetivo, afirmam (HOWELL; PASMORE, 2014) onde examinaram o afeto do envolvimento com a natureza. Os estudos sobre BES buscam compreender as avaliações que as pessoas fazem de suas vidas, com a intenção de compreender cientificamente os fatores que promovem e mantêm a felicidade (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004). As pessoas que se sentem mais conectadas à natureza tendem a ter mais experiências positivas e estarem mais satisfeitas com a vida, independentemente da idade e do gênero, tem maior satisfação com a vida e com os afetos positivos (MCMAHAN; ESTES, 2015).

Estamos em constante busca por algo, pelo bem-estar tão desejado em todas as esferas da vida (a almejada felicidade). Quem nunca sonhou, desejou isso? Mas desde que o ser humano existe na Terra, essa tem sido uma busca incessante. Essa busca histórica levou as pessoas a saírem da caverna para os grandes prédios. Essa busca pelo conforto e desenvolvimento também trouxe satisfação para as pessoas, porém a vida urbana acaba separando de certa maneira o ser humano da natureza, e com isso afastando-o não só dos benefícios que essa relação pode trazer, como também reduzindo comportamentos direcionados ao cuidado com o meio ambiente e sua preservação.

Os estudos sobre a geração de bem-estar têm uma grande importância, pois deles resultam o direcionamento para obter este ganho, que a humanidade tanto busca. Segundo Maceeron e Mourato (2013) existem pelo menos três causas para cogitar que as experiências com ambientes naturais estão positivamente relacionadas à saúde, bem-estar e felicidade. Os autores explicam que inicialmente parece haver caminhos diretos pelos quais tais experiências afetam o sistema nervoso, trazendo redução do estresse e restauração da atenção. Os autores mostram em seus estudos uma nova linha de evidências sobre as ligações entre a natureza e o bem-estar subjetivo, concluindo que a felicidade é maior em ambientes naturais.

Hower e Passmore (2014) se juntam a esse argumento e dizem que estar em contato com a natureza permite aos seres humanos mais oportunidades de florescimento e de afetos positivos. Nos estudos de Loureiro e Veloso (2014) há evidências de que tais experiências na natureza aumentam o senso de liberdade, de unidade com o universo e de transcendência, elevando ao nível os vínculos com a própria natureza e assim também promovem o bem-estar psicológico.

Segundo Barton e Pretty (2010) o ambiente é um importante serviço de saúde, pois nos seus estudos percebeu-se que o exercício na natureza pode levar a resultados positivos de saúde a curto e longo prazo. Os autores analisaram vários estudos e ressaltaram que a exposição aguda ao “exercício verde” é necessária para melhorar a autoestima e o humor, que são indicadores de saúde mental. McMahan e Estes (2015), concluíram que a exposição a ambientes naturais foi associada ao aumento moderado do afeto positivo e a uma diminuição ainda menor, porém significativa do afeto negativo. Os autores comentam ainda que as pesquisas empíricas sugerem que um breve contato com ambientes naturais melhora o bem-estar emocional.

Mayer e Frantz (2004) em seus primeiros estudos sobre CN já afirmavam que vários fatores podem ser observados como contribuintes para a satisfação geral com a vida, e a CN parece ser um contribuinte tão importante quanto outras variáveis habitualmente correlacionadas ao BES. Pesquisas revelam que a CN está agregada positivamente às medidas

de bem-estar, como afeto positivo, vitalidade, crescimento pessoal e propósito de vida (NISBET *et al.*, 2011). Para Wolsko e Lindberg (2013) uma relação da CN com o sentimento de bem-estar psicológico e com a satisfação com a vida, ou seja, há um benefício mútuo entre o ser humano e a natureza quando estes estão em conexão.

Os índices de felicidade também são maiores entre as pessoas que frequentam espaços verdes. Mackerron e Mourato, (2013) realizaram uma pesquisa com mais de 20.000 participantes no Reino Unido utilizando de GPS para verificar os níveis de felicidade de pessoas que estavam localizadas no meio urbano e em verdes. Os resultados apontaram que as ligações entre natureza (áreas verdes no campo e na cidade) e bem-estar têm uma relação positiva com o BES. A CN se comporta, portanto, como um preditor do BES, principalmente dos afetos positivos e pode ser um fator importante para promover a felicidade e as atitudes sustentáveis (ZELENSKI; NISBET, 2014). Como os comportamentos pró-ambientais têm como preditor a CN, há indicativos de que também estejam relacionados com o BES. Moyano-Díaz e seus colegas (2017), afirmam que o comportamento ecológico está mais presente em adultos acima de 30 anos comparado aos jovens que participaram da pesquisa, assim como a felicidade.

O estudo de Ribeiro (2018) concluiu que a natureza presente no campus universitário pouca associação tinha com os graus de felicidade dos estudantes. O mesmo autor considerou que talvez o fato de os estudantes estarem em uma cidade onde a natureza está literalmente próxima o restauro psicológico é pouco atribuído a ela. Em relação ao idoso da região amazônica, os diferentes níveis de CN teriam alguma relação com felicidade subjetiva no envelhecimento?

Para responder a essa questão foram feitas análises a partir da escala de EFS e NR-6. A EFS é composta por quatro itens do tipo likert de sete posições (1 a 7), sendo 1 o menor grau e 7 o maior grau, refletindo assim, o teor de felicidade que sente. Com base nestes itens, solicita-se aos respondentes para avaliarem em que medida eles se sentem pessoas felizes ou infelizes. Os itens 1 e 2 solicita ao respondente identificar o quanto é feliz por si próprio e na comparação com os seus pares. Os itens 3 e 4 solicita identificar a extensão em que se ancora sua percepção sobre felicidade e infelicidade. Nota-se que o item 4 é antagônico, isto é, a posição mais alta se caracteriza como negação da felicidade, por isso, para fins de análise esse item será revertido.

Resultados e Discussão

Os resultados apontam para níveis relativamente altos de felicidade subjetiva. Observa-se que a média geral de EFS ficou em 5,63, porém com ligeiras diferenças nos itens entre si. A

maior média se deve ao item “Em geral, considero-me uma pessoa feliz” que foi de 5,98 e dp 1,85. As demais foram relativamente abaixo, mas ainda consideradas média altas para a escala cujo valor máximo é 7. No item que se refere à apreciação da felicidade dos outros (5,58 e 5,15), observou-se médias menores, mesmo que ainda altas, porém com dp. maiores (2,23 e 2,36 respectivamente), evidenciando nestes dois itens maior dispersão (Tabela 3).

Tabela 3: Média dos itens de EFS

Item	Média	DP
Em geral, considero-me uma pessoa feliz:	5,98	1,85
Comparativamente com as outras pessoas como eu, considero-me feliz	5,84	1,74
Algumas pessoas são geralmente muito felizes. <i>Elas gozam a vida apesar do que se passa à volta delas, conseguindo o melhor do que está disponível.</i>	5,58	2,23
Algumas pessoas geralmente não são muito felizes. <i>Embora não estejam deprimidas, elas nunca parecem tão felizes quanto poderiam ser</i>	5,15	2,36

Fonte: Autora (2023).

Em se tratando de idosos Amancio (2018) explica em sua pesquisa os avanços da Gerontologia Ambiental, que tem se preocupado em disseminar a importância e promoção de ações voltadas à saúde e bem-estar da população idosa tendo a otimização do entorno físico como fator substancial para o bem-estar de idosos. No caso desta população que vive desde a infância rodeada de uma natureza exuberante e ao mesmo tempo indócil, ao se referir a ela como construto psicológico, vê-se que ficaram os aspectos positivos e restaurativo de suas emoções.

Para verificar as correlações de FES e demais variáveis não foram adequadas para essa amostra como foi evidenciado nos testes com CN. No entanto, observou-se que ao cruzar as médias da FES e os níveis de preocupação ambiental fica evidente uma correlação significativa (p.0,01) de modo que as pessoas que se sentem menos felizes são aquelas que dizem ter menos preocupações com os problemas ambientais (Tabela 4).

Tabela 4: Correlações obtidas a partir da preocupação com problemas ambientais e FES

		Muito	Médio	Pouco	Em geral, considero-me uma pessoa feliz:	Comparativamente, considero-me: menos ou mais feliz	Algumas pessoas são geralmente muito felizes.	Algumas pessoas geralmente não são muito felizes.
Muito	Correlação de Pearson	1	-,467**	-,649**	,167	,159	,113	,054
	Sig. (2 extremidades)		,000	,000	,195	,217	,381	,675
	N	62	62	62	62	62	62	62
Médio	Correlação de Pearson	-,467**	1	-,369**	,220	,025	,097	-,032
	Sig. (2 extremidades)	,000		,003	,085	,847	,452	,806
	N	62	62	62	62	62	62	62
Pouco	Correlação de Pearson	-,649**	-,369**	1	-,365**	-,189	-,203	-,030
	Sig. (2 extremidades)	,000	,003		,004	,141	,114	,819
	N	62	62	62	62	62	62	62
Em geral, considero-me uma pessoa menos ou mais feliz:	Correlação de Pearson	,167	,220	-,365**	1	,612**	,200	,356**
	Sig. (2 extremidades)	,195	,085	,004		,000	,119	,005
	N	62	62	62	62	62	62	62
Comparativamente com as outras pessoas como eu, considero-me	Correlação de Pearson	,159	,025	-,189	,612**	1	,180	,164
	Sig. (2 extremidades)	,217	,847	,141	,000		,163	,202
	N	62	62	62	62	62	62	62
Algumas pessoas são geralmente muito felizes....	Correlação de Pearson	,113	,097	-,203	,200	,180	1	-,190
	Sig. (2 extremidades)	,381	,452	,114	,119	,163		,140
	N	62	62	62	62	62	62	62
Algumas pessoas geralmente não são muito felizes.	Correlação de Pearson	,054	-,032	-,030	,356**	,164	-,190	1
	Sig. (2 extremidades)	,675	,806	,819	,005	,202	,140	
	N	62	62	62	62	62	62	62

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Fonte: Autora (2023).

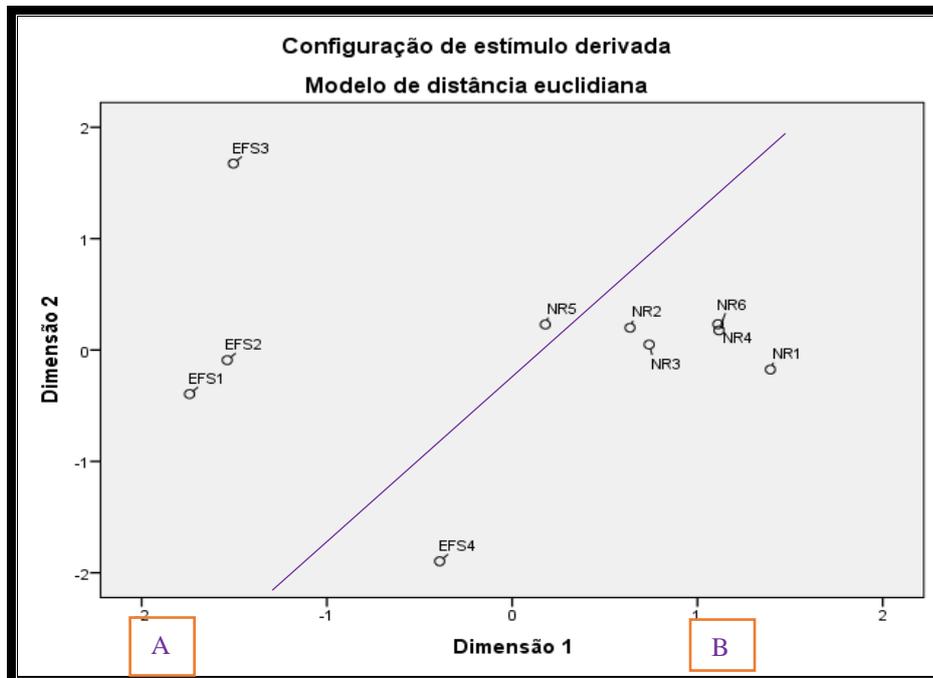
Os resultados mostram que as pessoas que se sentem menos felizes tendem a ter pouca preocupação com os problemas ambientais (-,365 p=0,01). As demais variáveis não foram associadas entre si. Outros testes foram realizados para verificar se os níveis de CN e FES estariam associadas de algum modo. Tanto as médias de EFS quanto de CN foram altas (Tabela 5).

Tabela 5: Médias dos itens da NR-6 e Médias dos itens da EFS

Afirmativa CN	Média	Desvio padrão
Minhas férias ideais seriam em lugares remotos, em áreas naturais isoladas.	3,55	1,490
Eu sempre penso como as minhas ações podem afetar o ambiente.	4,02	1,261
Minha conexão com a natureza e o ambiente é parte da minha espiritualidade.	3,97	1,318
Busco notícias sobre a vida selvagem onde quer que eu esteja.	3,82	1,385
Meu relacionamento com a natureza é parte importante de quem eu sou.	4,47	,900
Eu me sinto muito conectado a todos os seres vivos e a terra.	3,94	1,317
Afirmativas EFS		
Em geral, considero-me uma pessoa feliz:	5,98	1,85
Comparativamente com as outras pessoas como eu, considero-me feliz	5,84	1,74
Algumas pessoas são geralmente muito felizes. <i>Elas gozam a vida apesar do que se passa à volta delas, conseguindo o melhor do que está disponível.</i>	5,58	2,23
Algumas pessoas geralmente não são muito felizes. <i>Embora não estejam deprimidas, elas nunca parecem tão felizes quanto poderiam ser</i>	5,15	2,36

Fonte: Autora (2023).

Ao realizar as análises dos menores espaços – SSA, ou seja, quanto mais uma variável se aproxima de outra a maior similaridade entre si, verifica-se duas facetas de agrupamento das variáveis relativas aos itens de CN e de EFS. (Figura 9).

Figura 9: Dispersão espacial (SSA) dos itens de CN e EFS.

Fonte: Autora (2023).

A faceta mostra que os idosos se consideram muito felizes (EFS1) também comparativamente com outras pessoas (EFS2). No entanto, ao avaliar tal estado de felicidade nos outros, os idosos mais felizes tendem a ver as demais pessoas menos felizes (ESF4) ou mais felizes (EFS3). Na faceta B observa-se que os idosos que buscam notícias sobre a vida selvagem onde quer que eles estejam (NR4) também são idosos conectados a todos os seres vivos e a terra (NR6). Assim também como sempre pensam como as suas ações podem afetar o ambiente (NR2) também destacam que a sua conexão com a natureza e o ambiente é parte da sua espiritualidade (NR3). E de forma geral, todos sentem que o relacionamento que possuem com a natureza é parte importante de quem ele/ela é (NR5).

Neste estudo esperava-se encontrar que os idosos que apresentassem alto níveis de conexão com natureza também apresentassem altos níveis de felicidade, porém esses dois construtos não se mostraram associados. A CN, portanto, não influencia os níveis de FS. Nesse sentido, conclui-se que aspectos contextuais outros são determinantes nos níveis de felicidade subjetiva. No entanto, constatou-se que os idosos que se declararam menos felizes são também os que menos se preocupam com os problemas ambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que vários estudos apontam que tanto a CN quanto o BES são estados psicológicos que colocam o indivíduo numa posição de cuidado e proteção com a natureza e a biodiversidade, este estudo procurou investigar tais aspectos na população idosa da região metropolitana de Manaus-AM. A justificativa de tal estudo partiu do fato de que tal população está cada mais numerosa e tem um papel substancial na sociedade, e por conseguinte, pode nos apresentar vestígios ainda pouco conhecidos para uma sustentabilidade ambiental, em particular na Amazônia. De modo geral, a geração dos que hoje são idosos tiveram experiências muito próximas com a natureza em função de que as cidades eram relativamente pequenas e muitos deles viviam em vilas no interior antes de morarem nas cidades da região metropolitana.

Para a maioria dos idosos participantes, a natureza é entendida como um conjunto de elementos naturais, ou seja, árvores, animais e água que envolvem pessoas de diferentes maneiras. Para estes idosos que consideram a natureza como espaço de vivências o índice de preocupação relativa com os problemas ambientais foi também alto. Isso nos leva a crer que o entendimento amplo da natureza como um espaço que agrega a vida de modo geral, passa a ser um ambiente que merece ser cuidado e protegido, mesmo em tempo em que não se sentem mais

preparados para executar esse cuidado. No entanto, a preocupação está presente e é expressa a partir das experiências vividas e do modo como compartilham esse sentimento ao demais com que convivem.

De modo geral, os idosos desta pesquisa, viveram em algum tempo do passado em lugares muito próximos à natureza, ou seja, no interior da Amazônia. A experiência vivida nestes lugares e no convívio com a natureza na infância e na adolescência proporcionaram significados construídos a partir de muito trabalho. Observou-se que mesmo relatando dificuldades ou vida de muito trabalho e pouca diversão, a maioria diz sentir saudades destes espaços. É notório que esta geração tenha vivido num tempo em que o brincar não era primordial, uma vez que as famílias do interior contavam com a ajuda das crianças no trabalho diário de sua subsistência, sem questionamentos ou arrependimentos. Baseando-se nesse fato, ao mudarem de residência para a capital trouxeram memórias afetivas de contato com a natureza, seja no cultivo de hortaliças e plantas medicinais, criação de animais e cuidado de plantas ornamentais em vaso ou no jardim de sua residência.

Os idosos deste estudo podem ser descritos como pessoas que acreditam ser parte da natureza, pois revelam que o seu relacionamento com a natureza é parte importante de quem eles são. Nesse sentido, a natureza é considerada parte de sua identidade pessoal, ou seja, são seres da natureza, mesmo que o convívio direto nestes ambientes já tenha declinado em função da idade e condições financeira ou de saúde e mobilidade. Por exemplo, o fato de os idosos demonstrarem baixo interesse em passar suas férias ideais em áreas naturais e isoladas, não significa que não se sentiriam bem nestes lugares, mas que nesta idade sair para lugares remotos pode não seria muito recomendável ao idoso, ou ainda, que em sendo férias, conhecer lugares contrários aqueles de ampla vivência podem ser mais interessante pelo caráter de errância que há nessas atividades.

É consenso que na velhice as memórias afetivas são altamente valorizadas e potencializa momentos de prazer no seu dia a dia. Apesar das dificuldades próprias vivida no interior e em áreas de natureza rústica e o distanciamento de bens e serviços de saúde e entretenimento, a paz, o sossego e relatos de muita fartura obtida no extrativismo, na pesca e no plantio nos roçados, nos rios nas florestas, raros atualmente e no ambiente urbano, são lembrados com alegria.

A constatação de que um maior empenho das autoridades deveria existir no sentido de criar e dar efetiva acessibilidade a áreas verdes urbanas, se obteve a partir dos resultados que mostram que os idosos que moram na cidade são os que menos frequentam a natureza e os idosos que moram no interior os que mais frequentam espaços com a natureza. Muitos fatores

estão associados a esse distanciamento, tais como a falta de transporte, a violência que muitas vezes está associada a áreas com pouca vigilância como os parques, a dificuldade de locomoção e a falta de companhia. No entanto, se tais áreas fossem amplamente seguras, com maior acesso e programas voltados para as visitas de idosos, esse público teria melhores condições de vida, tirando muito a pressão ambiental da vida doméstica e dos cuidados de outros familiares que por vezes se sentem incapazes de melhorar a vida de seus idosos.

Num olhar mais sensível projetos de políticas públicas nessa direção podem desestressar essa população, que neste estágio do ciclo vital, possam usufruir dos benefícios físicos e mentais que a natureza proporciona. No momento em que o idoso tem uma atenção afetiva e políticas públicas reconheçam a necessidade do convívio com a natureza, os resultados estarão não apenas desstressando o próprio idoso, mas também toda a família, que muitas vezes não tem tempo nem condições de dar mais atenção a eles.

O bem-estar subjetivo ou a felicidade do idoso é um estado psíquico que concorre para sua qualidade de vida e de seus cuidadores ou responsáveis. Neste estudo esperava-se encontrar que os idosos que apresentassem alto níveis de conexão com natureza também apresentassem altos níveis de felicidade, porém esses dois construtos não se mostraram associados. A CN, portanto, não influencia os níveis de FS. Nesse sentido, conclui-se que aspectos contextuais outros são determinantes nos níveis de felicidade subjetiva. No entanto, constatou-se que os idosos que se declararam menos felizes são também os que menos se preocupam com os problemas ambientais. A infelicidade, portanto, auxilia o idosos a não se preocupar com questões ambientais.

Algumas limitações nesse estudo merecem ser pontuadas. É preciso lembrar que este estudo foi realizado no período final da pandemia, e que foram os idosos o público de maior restrição de movimento. Além disso, o perfil dos idosos participantes deste estudo, mostra que possuem renda mensal baixa e altos custos com medicação. Por isso, outros estudos em períodos pós pandêmicos podem nos trazer informações diferenciadas, não apenas com idosos da Amazônia, mas de outras regiões também. Além disso, a amostragem deste estudo acabou sendo bastante homogênea, incluindo pessoas de comunidades muito próximas. Dessa forma estudos com um critério de amostragem aleatória poderia trazer resultados distintos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A.S.; TRÓCOLLI, B. T. Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v, 20, n. 2, p. 153-164, 2004. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1590/S0102-37722004000200008>.
- ANDRADE, M.M. Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas. In: **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação e noções práticas**. 1997. p. 118-118. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource>
- ANDRADE, R. M; PINTO, R. L. Estímulos naturais e a saúde humana: A hipótese da biofilia em debate. **Polêm!ca**, v. 17, n. 4, p. 030-043, 2017. <https://doi.org/10.12957/polemica.2017.34272>
- AMANCIO, B.S.G.D. **Docilidade ambiental: Espaços de convivência na promoção de qualidade de vida de idosos**. Dissertação de Mestrado em Psicologia na Universidade Federal do Amazonas. Manaus. Disponível em <http://lapseainpa.weebly.com/producedilatildeo-cientiacutefica.html>. Acesso em 04 de Maio de 2022.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BARTON, J.; PRETTY, J. What's the best dose of nature and green exercise to improve mental health? An analysis of several studies. **Environmental Science & Technology**, v. 44, n. 10, p. 3947-3955, 2010. <https://doi.org/10.1021/es903183r>
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BEE, H. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BRASIL, Leis da Plataforma Brasil, disponível em <https://www.gov.br/plataformamaisbrasil/pt-br/legislacao-geral/leis>. Acesso em 06 de junho de 2023.
- BRASIL, A, N.C; FRANCISCO, Deise Juliana. Ética em pesquisa com seres humanos na web: o caso da Plataforma Brasil. **Informação & Informação**, v. 21, n. 3, p. 361-375, 2016.
- BRUNO, V.H.T., et al. Conexão com a natureza e associação com motivos de escolhas alimentares entre profissionais da atenção primária à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 26, n. 4, p. 1323-1332. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.08562019>
- CABRAL, T. C. Análise da inclusão social dos idosos nos parques urbanos: importância da academia ao ar livre para os idosos frequentadores dos parques. **Anais "XII Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo, São Paulo-Lisboa, 2020**. <http://dx.doi.org/10.5821/siu.9856>.
- CALEGARE, M. G. A.; HIGUCHI, M. I. G. **Significado de morar e viver em uma Unidade de Conservação**. In: HIGUCHI, M. I. G.; FREITAS, C.C.; HIGUCHI, N. (Orgs). Morar e viver em Unidades de Conservação no Amazonas: Considerações socioambientais para os planos de manejo. 1 a ed. Manaus: [s. n.], 2013. p. 189–212.

DIAS, R.H.T. **Relação de pátios escolares com as competências sociais, a frequência de contato com a natureza e a conexão com a natureza das crianças.** Dissertação de Mestrado. ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Outubro de 2019. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/20510>. Acesso em 19 de Abril de 2022.

DIENER, E. Guidelines for national indicators of subjective well-being and ill-being. **Applied Research in Quality of Life**, v.1, p.151–157, 2006. <http://dx.doi.org/10.1007/s11482-006-9007-x>

DIENER, Ed. Bem-estar subjetivo. **Boletim psicológico**, v. 95, n. 3, pág. 542, 1984.

DIENER, Ed; RYAN, Katherine. Bem-estar subjetivo: uma visão geral. **Jornal sul-africano de psicologia**, v. 39, n. 4, pág. 391-406, 2009.

DIENER, Ed. Novas descobertas e direções futuras para a pesquisa de bem-estar subjetivo. **Psicólogo Americano**, v. 67, n. 8, pág. 590, 2012.

GÁSPARI, J.C. de; SCHWARTZ, G.M. O idoso e a ressignificação emocional do lazer. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online]. v.21, n.1, p. 069-076, 2005. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722005000100010>

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa.** Plageder, 2009. Disponível em [https:// books.google.com.br/books](https://books.google.com.br/books). Acesso em 28 de Abril de 2022.

GIACOMONI, Claudia Hofheinz. Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. **Temas em Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 43-50, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

HEY, A. P. et al. Percepções sobre a atuação do enfermeiro às pessoas no fim da vida. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 11, 2021.

HIGUCHI, M.I.G; ALBUQUERQUE, D.S; **Cronologias na relação pessoa-ambiente.** Curitiba; CRV, 2022;

HIGUCHI, M. I. G.; SILVA, K. Entre a floresta e a cidade: percepção do espaço social de moradia em adolescentes. **Psicologia para América Latina**, n. 25, p. 5– 23, 2013.

HIGUCHI, M.G; ALBUQUERQUE, D.S. (Orgs.). **Cronologia na Relação pessoa-ambiente.** Curitiba: CRV, 2022.

IVES, C. D.; GIUSTI, M.; FISCHER, J.; ABSON, D. J.; KLANIECKI, K.; DORNINGER, C.; LAUDAN, J.; BARTHEL, S.; ABERNETHY, P.; MARTÍN-LÓPEZ, B. Human–nature connection: A multidisciplinary review. **Current Opinion in Environmental Sustainability**, n.26, p.106–113, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.cosust.2017.05.005>

KAPLAN, R. A natureza da visão de casa: benefícios psicológicos. **Ambiente e comportamento**, v. 33, n. 4, p. 507-542, 2001.

KELLERT, S.R. Experiencing nature: Affective, cognitive, and evaluative development in children. In: KAHN, JR. P. H; KELLERT, S. R. (Eds.). **Children and nature: Psychological, sociocultural, and evolutionary investigations.** Washington. p. 117-151,

2002. Disponível em <https://psycnet.apa.org/record/2002-01686-005>. Acesso em 28 de Abril de 2022.

LAIRD, S.G.; MCFARLAND-PIAZZA, L.; ALLEN, S. Young children's opportunities for unstructured environmental exploration of nature: links to adults' experiences in childhood. **International Journal of Early Childhood Environmental Education**, v. 2, n.1, p.58-75, 2014.

LAWTON, M. Powell. Ambiente residencial e autodirecionamento entre idosos. **Psicólogo americano**, v. 45, n. 5, p. 638, 1990.

LOUREIRO, A; VELOSO, T. J. Outdoor exercise, well-being and connectedness to nature. **Psico**, v. 45, n. 3, p. 299-304, 2014.

LYUBOMIRSKY, S.; LEPPER, H. A measure of subjective happiness: preliminary reliability and construct validation. **Social Indicators Research**, v.46, p.137–155, 1999.

MACKERRON, G; MOURATO, S. Happiness is greater in natural environments. **Global Environmental Change**, v. 23, n. 5, p. 992-1000, 2013.
<https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2013.03.010>.

MAIA, C.S.; FREITAS, D.R.C. de; GALLO, L.G.; ARAUJO, W.N. de. Notificações de eventos adversos relacionados com a assistência à saúde que levaram a óbitos no Brasil, 2014-2016. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 27, p. e2017320, 2018.
<http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742018000200004>

MANTOVANI, E.P.; LUCCA, S.R.; NERI, A. L. Associações entre significados de velhice e bem-estar subjetivo indicado por satisfação em idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia** [online]. 2016, v. 19, n. 02, p. 203-222. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-98232016019.150041>

MARQUES, S. de O.; LIMA, S.de O.; SOUSA, S.M.; ALMEIDA, M. Cognitive assessment in elderly infected with P. vivax malaria. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. e7310313247, 2021. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13247>.

MAROCO, J.; GARCIA-MARQUES, T. Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, p. 65–90, 2006.
MICROSOFT, “What is Power BI?,” Disponível em: <https://docs.microsoft.com/en-us/powerbi/fundamentals/power-bi-overview>. Acessado 26 Fevereiro de 2023.

MAYER, S.; FRANTZ, C. M. The connectedness to nature scale: A measure of individuals' feeling in community with nature. **Journal of Environmental Psychology**, v.24, p.503-515. 2004. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/222621038>. Acesso em 04 de Maio de 2022.

MCMAHAN, E.; ESTES, D. The Effect of contact with natural environments on positive and negative affect: A meta-analysis. **The Journal of Positive Psychology**, v.10, n.6, p. 507-519, 2015. <http://dx.doi.org/10.1080/17439760.2014.994224>.

MIKOŁAJCZAK, K. **Understanding connection with nature at an Amazonian deforestation frontier**. 2019. 1–153 f. Lancaster University, 2019. Disponível em:

<https://eprints.lancs.ac.uk/id/eprint/135506/1/2019mikolajczakphd.pdf>. Acesso em 28 Abril de 2022.

MORAES, R; GALIAZZI, MC. **Análise Textual Discursiva**. – 2.ed. ver. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

MOYANO-DÍAZ, E.; PALOMO-VELÉZ, G.; OLIVOS, P.; SEPÚLVEDA-FUENTES, J. Ambientes naturais y urbanos determinan creencias y comportamientos ambientais, el pensamiento económico y la felicidad. *PsyEcology*, v.8, n.1, p.75-106, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.1080/21711976.2016.1272875>. Acesso em 28 de Abril de 2022.

NISBET, E.K.; ZELENSKI, J.M. The NR-6: A new brief measure of nature relatedness. *Frontiers in Psychology*, v. 4, 2013. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00813> .

NISBET, E.K.; ZELENSKI, M; MURPHY, S. Happiness is in our Nature: Exploring Nature Relatedness as a Contributor to Subjective Well-Being. *Journal of Happiness Studies*, v.12, n.2, p. 303-322, 2011. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1007/s10902-010-9197-7>

OSM [Organização Mundial de Saúde] et al. **Estatísticas mundiais de saúde 2023: monitoramento da saúde para os ODS, objetivos de desenvolvimento sustentável**. Organização Mundial da Saúde, 2023.

OMS [Organização Mundial de Saúde]. **Guia de cuidados para como a COVID-19**. *ONU News*, disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1707792> , acesso em: 4 abr. 2021.

ROAZZI, A. **Lar-doce-lar: Rainha ou rei?** A representação da participação masculina nas tarefas domésticas e a lógica de sua distribuição em casais de nível sócio doméstico baixo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 51, n. 4, p. 7, 1999.

PAIS-RIBEIRO, J.L. Validação Transcultural da Escala de Felicidade Subjectiva de Lyubomirsky e Lepper. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v.13, n.2, p.157 – 168, 2012. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36225171003>

PASSMORE, H-A; HOWELL, J. Nature involvement increases hedonic and eudaimonic well-being: Um estudo experimental de duas semanas. *Ecopsicologia*, v. 6, n. 3, pág. 148-154, 2014. <https://doi.org/10.1089/eco.2014.0023> .

PAZ, D.T.; HIGUCHI, M.I.G.; ALBUQUERQUE, D.; SOUSA, A. L.; ROAZZI, A. Entendimentos sobre Natureza e níveis de conexão com a Natureza entre professores/as da Educação básica. *Currículo sem Fronteiras*, v. 20, n. 3, p. 987-1005, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Antonio-Roazzi-2>.

RIBEIRO, R.M. **Implicações no ambiente físico do campus universitário no bem-estar subjetivo dos estudantes**. Dissertação (Mestrando em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2018. Disponível em <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6828>. Acesso em 04 de Maio de 2022.

ROSA P. F; CARVALHINHO, L. A. D. A educação ambiental e o desporto na natureza: Uma reflexão crítica sobre os novos paradigmas da educação ambiental e o potencial do desporto como metodologia de ensino, *Movimento – Rev. Ed. Física*, v. 18, n. 03, p. 259-280, 2012. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.27564>

- ROSA, D. C. C.B.; ROAZZI, A.; HIGUCHI, M.I.G. PSICAMB – Perfil de Afinidade Ecológica: Um Estudo sobre os Indicadores da Postura perante a Natureza. **Psico**, v. 46, n. 1, p. 139, Mar. 2015. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.1.17415>.
- SADALA, K.Y.; BRASILEIO, T.S.A. Memórias dos idosos e a vivência das “Terras Caídas” numa várzea amazônica. In HIGUCHI, M.I.G.; ALBUQUERQUE, D.S. (Orgs). *Cronologias na relação pessoa-ambiente*. p.345-362. Curitiba – PR: Editora CRV. 2022.
- SCHNEIDER, R. H; IRIGARAY, T. Q. **Estudos de Psicologia** I Campinas I 25(4) I 585-593 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LTdtHbLvZPLZk8MtMNMZyb/>> Acesso em 25 de Junho de 2022.
- WAHL, H-W.; IWARSSON, S.; OSWALD, F. Aging well and the environment: toward an integrative model and research agenda for the future. **Gerontologist**, v. 52, n° 3, p. 306-316, 2012. <https://doi.org/10.1093/geront/gnr154>
- WILSON, E. O. **Biophilia**. Cambridge: Harvard University Press, 1984.
- WHITBURN, J.; LINKLATER, W.; ABRAHAMSE, W. Meta-analysis of human connection to nature and proenvironmental behavior. **Conservation Biology**, v. 34, n. 01, p. 180–193, 2019. <https://doi.org/10.1111/cobi.13381>
- WOLSKO, C.; LINDBERG, K. Experiencing Connection With Nature: The Matrix of Psychological Well-Being, Mindfulness, and Outdoor Recreation. **Ecopsychology**, v. 5, n. 2, p. 80-91, 2013. Disponível em <https://www.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/eco.2013.0008> . Acesso em 04 de Maio de 2022.
- ZACARIAS, E.F.J. **Vínculo com a natureza em pais-mães e suas implicações no comportamento parental**. Dissertação (Mestranda em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2018. Disponível em <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6220> . Acesso em 04 de Maio de 2022.
- ZANATTA, F; MAFFONI, M; GIARDINI, A. Resilience in palliative healthcare professionals: a systematic review. **Support Care Cancer**. 2020 Mar; v.28, n.3, p-971-978, 2020. <https://doi.org/10.1007/s00520-019-05194-1>
- ZELENSKI, J.; NISBET, E. K. Happiness and Feeling Connected the Distinct Role of Nature Relatedness. **Environment and Behavior**, v. 46, n. 1, p. 3–23, 2014. <http://dx.doi.org/10.1177/0013916512451901>
- ZELENSKI, J; DOPKO, R.L.; CAPALDI, C.A. Cooperation is in our nature: Nature exposure may promote cooperative and environmentally sustainable behavior. **Journal of Environmental Psychology**, v. 42, p.31, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2015.01.005>
- ZYLSTRA, M. J.; KNIGHT, A.T.; ESLER, K. J.; LE GRANGE, L L. L. Connectedness as a Core Conservation Concern: An Interdisciplinary Review of Theory and a Call for Practice. **Springer Science Reviews**, v. 2, n. 1–2, p. 119–143, 2014. <https://doi.org/10.1007/s40362-014-0021-3>

APÊNDICE A – Protocolo de entrevista

Perfil sociodemográfico.

Sexo: () Masc. () Fem. Data de Nascimento _____ Escolaridade (estudou até que ano?) _____ Ocupação: _____ Possui uma Renda Mensal: () Não () Sim Quanto: 1 a 2 SM 3 A 4SM 5 A 6SM +7SM

Quais os seus maiores gastos: (remédio lazer alimentação moradia)

Cidade de Moradia: () Manaus () Iranduba () Manacapuru () Careiro Castanha

Religião: () Católica () Evangélica () Matriz africana () Outra () Não tem

Mora com quem: () sozinho () só com cônjuge () familiares

Quando a gente fala em natureza, o que lhe vem à cabeça? _____

Na Infância que tipo de experiência teve com a natureza? _____

Já morou algum tempo no interior, próximo da natureza/rios () Não () Sim – Como era esse lugar?

O senhor/a gostava desse lugar? () Não () Sim

Sente falta desse lugar? () Não () Sim

Tem frequentado lugares com bastante elementos do ambiente natural, como árvores, rios, animais, flora () Não () Sim. O que costuma fazer nesses lugares?

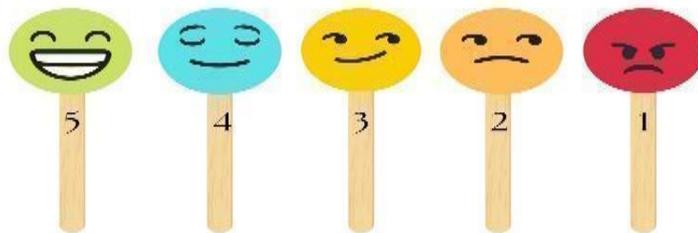
Como é para o senhor/a ir pra esses lugares? É fácil ou difícil? Por quê?

Se o/a senhor/a pudesse escolher um ambiente para viver onde seria? Pode me falar sobre isso?

Na sua residência se sente perto da natureza? () Não () Sim

Qual a sua preocupação com os problemas ambientais () Muito () Médio () Pouco

Agora vamos mudar um pouco o jeito de responder. Eu vou lhe dar essas 5 carinhas que significam coisas diferentes.



Essa daqui (1) veja que a cor é vermelha e ele tá de cara muito feia, isso significa que o que eu vou falar a senhor/a não concorda de jeito nenhum. Essa outra (2) é laranja e a cara tá um pouco feia, que significa que discorda simplesmente. Essa outra (3) é amarela e a cara está indiferente, isto é, nem feia nem boa, ou seja, não sabe dizer. Essa outra (4) a cor azul e cara bonita diz que concorda com o que eu falei, mas é essa daqui (5) que é verde e cara super sorridente quer dizer que o senhor/a concorda muito com o que eu for falar. Fui clara? Vou começar com as frases, se quiser eu posso repetir e aí é só me dizer a nota, ou mostra a carinha que expressa o tipo de concordância. Poderia explicar pra mim por favor

Escala NR

Nessas frases não tem certo nem errado, só importa sua sinceridade. Para cada frase que eu falar você me mostra uma dessas carinha, sendo que:

(1) *Discordo Muito*; (2) *Discordo*; (3) *Indiferente*; (4) *Concordo*; (5) *Concordo muito*.

Afirmativa	Grau
Minhas férias ideais seriam em lugares remotos, em áreas naturais isoladas.	
Eu sempre penso como as minhas ações podem afetar o ambiente.	
Minha conexão com a natureza e o ambiente é parte da minha espiritualidade.	
Busco notícias sobre a vida selvagem onde quer que eu esteja.	
Meu relacionamento com a natureza é parte importante de quem eu sou.	
Eu me sinto muito conectado a todos os seres vivos e a terra.	

Escala SHS

Agora eu vou querer saber quanto feliz o sr/a se sente. Então numa escala de 1 a sete, me diga a que parece que melhor o/a descreve:

1. Em geral, considero-me uma pessoa feliz:

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

Uma pessoa que não é muito feliz 1

Uma pessoa muito feliz 7

2. Comparativamente com as outras pessoas como eu, considero-me:

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

Menos feliz 1

Mais feliz 7

3. Algumas pessoas são geralmente muito felizes. Elas gozam a vida apesar do que se passa à volta delas, conseguindo o melhor do que está disponível. Em que medida esta caracterização o/a descreve a si?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

De modo nenhum 1

Em grande parte 7

4. Algumas pessoas geralmente não são muito felizes. Embora não estejam deprimidas, elas nunca parecem tão felizes quanto poderiam ser. Em que medida esta caracterização o/a descreve a si?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

De modo nenhum 1

Em grande Parte 7

Ok, terminamos, muito agradecida pela sua colaboração na minha pesquisa.

APÊNDICE 2 – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ORAL

Olá, meu nome é **Sabrina de Oliveira Marques** – sou aluna do Mestrado da Universidade Federal do Amazonas/Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais e Sustentabilidade na Amazônia. Eu estou fazendo uma pesquisa sobre **CONEXÃO COM A NATUREZA E BEM-ESTAR SUBJETIVO EM IDOSOS**. A Profa. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi é minha orientadora nesse mestrado. Por isso gostaria de convidar o senhor/a para participar desse estudo. Sua contribuição para esse estudo será de muita valia para verificar o tipo de vínculo que os idosos possuem com a natureza e verificar o grau de satisfação com a vida nesta fase da vida. Com este estudo pretende-se estimular políticas públicas para elaboração de programas para idosos terem mais contato com a natureza e o cuidado para com ela para uma melhor qualidade de vida aos idosos.

Como será sua participação: o/a senhor/a será entrevistado por mim num local e data que combinarmos. Responderá algumas questões e escolherá alguns cartões para sinalizar se concorda ou não com a questão que eu falar. A entrevista será individual e durará uns 20 minutos. O Senhor/a não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. A entrevista será gravada com seu consentimento e depois de transcrita e analisada será apagada.

O que você precisa saber sobre seus direitos: Ninguém saberá que o senhor/a está participando da pesquisa; não falaremos à outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que o senhor/a nos der. Se depois de consentir a sua participação, o senhor/a desistir de participar, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da entrevista, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Se mesmo depois de consentir a sua participação, você desistir de participar, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Asseguro que não sofrerá nenhum risco nessa participação, mas se sentir algum desconforto ou cansaço, mesmo tendo aceitado previamente, o senhor/a poderá pedir para interromper de vez, ou continuar noutro dia. Caso ocorra algum constrangimento ou se sentir mal durante sua participação, darei todo o apoio para dirimir esse desconforto, de acordo com o previsto pela lei.

Sobre algum imprevisto: Caso ocorra constrangimento ou desconforto durante o desenvolvimento da pesquisa o senhor/a, poderá solicitar a suspensão da entrevista. E se necessitar buscarei prestar o acompanhamento psicológico necessário ao senhor/a. Lhe asseguro que eu vou garantir indenização ao senhor/a (cobertura material e psicológica), em reparação a dano imediato ou tardio, que comprometa o senhor/a e/ou a coletividade, sendo o dano de dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual. Não lhe será pedido sob qualquer argumento, a renúncia ao direito à indenização por dano.

O que eu farei com as informações que recebi na entrevista: Vou analisar as respostas de todos em conjunto, de modo que você, nunca será identificado. Os resultados serão publicados numa dissertação de mestrado e depois num artigo científico. Esses resultados, bem como as publicações estarão à sua disposição quando finalizada. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Os resultados serão divulgados ao final da pesquisa, e as informações serão confidenciais, sem a identificação dos voluntários, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Deixarei com ao senhor/a uma via desse consentimento oral que têm o endereço de como entrar em contato comigo ou com o comitê de ética em pesquisa.

Sobre contato e dúvidas: Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato comigo no Centro de Ciências Ambientais no endereço Av. Gen. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 6200 - Campus Universitário Bloco T Setor Sul – Coroadó CEP 69077-000 - Manaus/AM - Telefone - (92)

3305-1181 Ramal 4069, também pelo meu telefone (92) 98455-4716 e e-mail: ipsi.sabrina@gmail.com ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, CEP: 69.057-070, telefone fixo 3305-1181, ramal 2004, e-mail: cep.ufam@gmail.com .

Como fazer para dar minha concordância: Se o senhor/a concorda com tudo isso que lhe falei, o senhor/a responderá “*aceito/ concordo em participar*”. Vou gravar essa sua resposta e aí vamos combinar quando faremos essa entrevista. Darei uma via impressa deste termo de consentimento para o senhor/a

[Gravação de voz] Concordância voluntária para participar da pesquisa

Se o/a senhor/a **[nome]** se considera bem-**informado(a)** dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada, bem como todos os direitos de participação, o/a senhor/a concorda em participar dessa pesquisa? **[sim]**. Também confirma que lhe foi dada a oportunidade tirar todas as suas dúvidas? **[sim]**. Também confirma que recebeu uma via impressa desse Termo? **[sim]**.

Local,..... ____/ ____/ ____.

ANEXO 1 – Aprovação do CEP**UNIVERSIDADE DO AMAZONAS****UFAM****PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA****Título da Pesquisa:** CONEXÃO COM NATUREZA E BEM-ESTAR SUBJETIVO EM IDOSOS**Pesquisador:** SABRINA DE OLIVEIRA MARQUES**Área Temática:****Versão:** 3**CAAE:** 58947622.0.0000.5020**Instituição Proponente:** Centro de Ciências do Ambiente**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio**DADOS DO PARECER****Número do Parecer:** 5.733.142**Situação do Parecer:**

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 01 de
Novembro de 2022

Assinado por:
Eliana Maria Pereira
da Fonseca
(Coordenador(a))

Rua Teresina, 4950 – Bairro Adrianópolis - 69.057-070 – Manaus - AM

Fone: (92) 3305-1181 - **E-mail:** cep.ufam@gmail.com